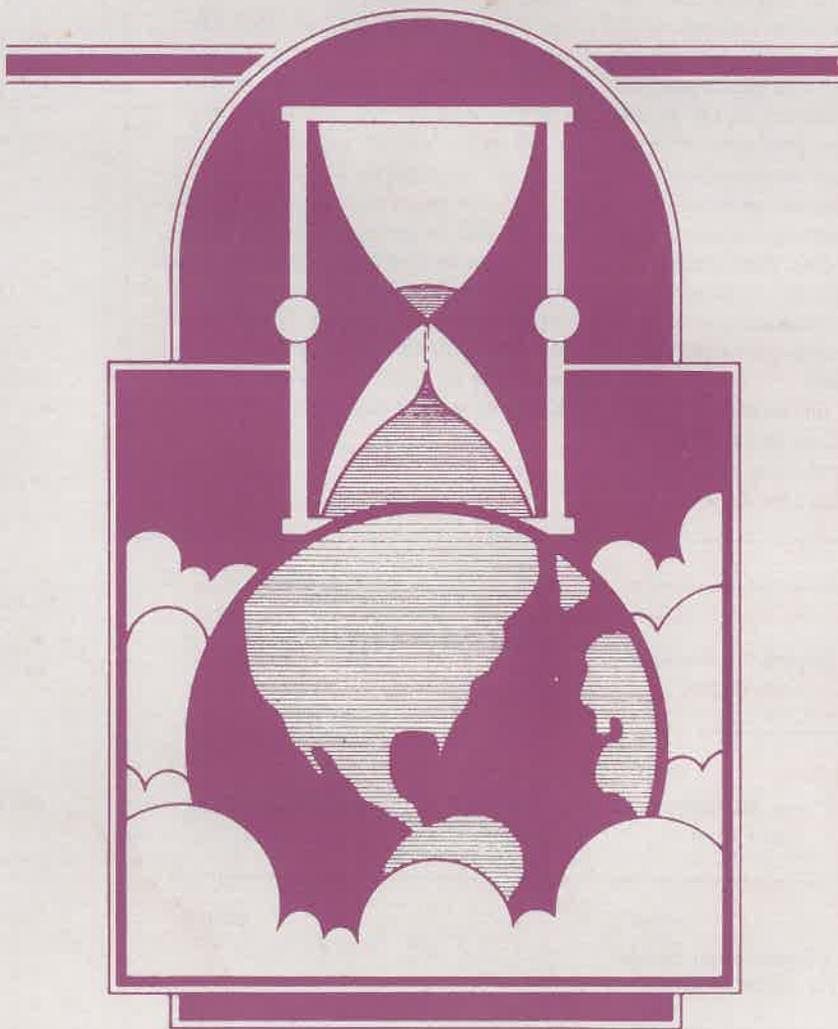


# Revista Adventista

Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

Maio 1989

## Estudos Sobre Daniel



**Seminário Sobre as Profecias  
do Tempo do Fim**

# SEMINÁRIOS SOBRE O LIVRO DE DANIEL

O ano de 1988 foi marcado no historial do nosso campo com o lançamento dos Seminários sobre o livro do Apocalipse. Foi um empreendimento evangelístico de grande interesse e benefício para o nosso povo, e poucas igrejas restam que não tenham tido a oportunidade de assistir a estes Seminários. São inúmeros os testemunhos relacionados com o seu êxito, dentro e fora da igreja.

Este material de evangelização foi preparado em razão da urgência com que devem ser estudadas as mensagens de preparação para os tempos em que vivemos. O interesse com que os pastores e as igrejas o receberam foi tão grande que encorajou o Departamento de Evangelismo da União a empreender a preparação dos Seminários sobre o livro de Daniel, cujo lançamento se processa a partir da presente data. Outro factor que também nos sensibilizou e pesou na programação destes Seminários foi o êxito que têm obtido noutros países onde já foram implementados.

O mundo vive um momento solene. Há milhões de pessoas preocupadas com o futuro. Daniel é um livro de grande interesse para a igreja e para a sua missão

de evangelização. Escreve a Sra White:

«Estão iminentes os perigos dos últimos dias, e na nossa obra temos de advertir as pessoas do perigo em que se encontram. Não permaneçam sem ser abordadas essas cenas solenes que a profecia revelou. ... Fale Daniel, fale o Apocalipse, e digam o que é a verdade. ... A verdade que contém deve ser proclamada, a fim de que as pessoas tenham uma oportunidade de se preparar para os acontecimentos que em breve ocorrerão.» — *Evangelismo*, p. 195.

Daniel é uma emocionante experiência para a igreja, pois além das profecias bíblicas aborda também as vantagens de um regímen saudável.

A União põe assim à disposição das igrejas dois importantes Seminários sobre o livro de Daniel: um que aborda as profecias bíblicas, e o outro, a reforma pró-saúde. O nosso desejo é que ambos possam constituir uma grande bênção para o povo de Deus na sua vida pessoal e na sua acção evangelística.

**Alberto Nunes**

Departamento de Evangelismo da  
União Portuguesa

## Revista Adventista



PUBLICAÇÃO MENSAL

Maio de 1989  
Ano XLVI • N.º 508

**DIRECTOR:**

J. Morgado

**REDACTORA:**

M. R. Baptista

**PROPRIETÁRIA E EDITORA:**

Publicadora Atlântico, S.A.R.L.

**REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:**

Rua Joaquim Bonifácio, 17  
1199 Lisboa Codex  
Telef. 542169

**PREÇOS:**

Assinatura Anual 650\$00  
Número Avulso 65\$00

**EXECUÇÃO GRÁFICA:**

Santos & Costa, Lda.  
Vale Travelho • Pedreiras  
2480 Porto de Mós  
Telef. 42413

Depósito Legal n.º 2705/83



Daniel 1

**A Derrota Transformada em Vitória**



Daniel 6

**Leões, Dias do Fim e Nós!**



Daniel 2

**Uma Antevisão do Futuro**



Daniel 7

**Um Desafio à Verdade Triunfante**



Daniel 3

**Fé, chamas e um decreto de morte universal**



Daniel 8

**O Santuário Purificado!**



Daniel 4

**A Maravilhosa Conversão de Nabucodonozor**



Daniel 9

**A Mais Espantosa Profecia da Bíblia!**



Daniel 5

**Um Vigia Invisível Anuncia o Juízo!**



Daniel 10  
a Daniel 12

**O Triunfo do Bem!**

## Sumário

- 2 Seminários sobre o Livro de Daniel  
Por Alberto Nunes
- 3 A Hora Final  
Por Alberto Nunes
- 4 Da Monarquia Terrestre ao Reino de Deus  
Por Alfred Vaucher
- 6 Os Quatro Impérios Universais na Profecias
- 9 Roma na Profecia
- 11 A Ponta Pequena — Daniel 7  
12 Traços Distintivos
- 12 Área Ilhas
- 13 Colheita 90  
Por J. Morgado
- 14 2.300 anos, invenção Adventista?  
Por Arnaldo B. Christianini
- 16 A Mensagem do Livro de Daniel
- 17 Reforma Alimentar  
Por Alberto Nunes
- 19 A Origem do Espírito de Profecia  
Por Manuel Nobre Cordeiro
- 21 Notícias do Campo

# A HORA FINAL

A. NUNES

«O mundo está excitado pelo espírito de guerra. A profecia do capítulo onze Daniel atingiu quase o seu cumprimento completo. Logo se darão as cenas de perturbação das quais falam as profecias.»

— *Testemunhos Selectos*, vol. III, p. 283.

Os acontecimentos esboçam-se, e os observadores, como nunca antes, reconhecem que o tempo para a raça humana se está esgotando e que vivemos a um passo do fim ecológico, político, social e religioso.

Este é um facto bem evidente e cada crente está convicto disso. Transcrevemos as palavras da página inspirada: «Governadores e estadistas, homens que ocupam posições de confiança e autoridade, homens e mulheres pensantes de todas as classes

têm fixa a sua atenção nos factos que se desenrolam em redor de nós. Acham-se a observar as relações tensas e inquietas que existem entre as nações. Observam a tensão que está tomando posse em todo o elemento terrestre, e reconhecem que algo de grande e decisivo está a ocorrer, ou seja, que o mundo se encontra à beira de uma crise estupenda.» — *Educação*, pág. 179. A confirmar o texto exposto temos o noticiário diário, recheado de sentido de perspectiva pa-

ra assim nos prepararmos para o fim de todas as coisas.

Não podemos, pois, crer no fim dos tempos e na volta de Jesus como acontecimento distante e indefinido, pois isso seria confirmar o que disse o servo da parábola: «O meu Senhor tarde virá» (Mat. 24:40). A Bíblia, ao descrever os traços desse fim pela apresentação de sinais e predições bíblicas, sai assim reforçada pelas conclusões de homens alheios às profecias e que por caminhos diferentes foram levados às mesmas conclusões, convergindo e confirmando a proximidade do Advento.

Chegou a hora de todos os que formam a Igreja meditemos Sofonias 1:14-17 e de estudarem religiosamente o livro de Daniel sob a forma de Seminários, em lançamento no nosso país.

As grandes eras das profecias de Daniel 2 e 7 foram praticamente esgotadas, tendo nós agora de conhecer as cenas finais, a fim de nos situarmos no espaço e no tempo determinados por Deus. Na demarcação dos tempos em que devem ocorrer acontecimentos especiais, e à medida que a história escreve o seu fim, este poderia ser assim compreendido:

**Tempo do fim.** Teve início em 1798 e no fim da supremacia papal com o despertamento millerita, que terminou na decepção de 1844, Neste período, conforme as profecias, o livro

de Daniel seria melhor compreendido nas suas profecias. Temos, pois, o período de Daniel 12:9.

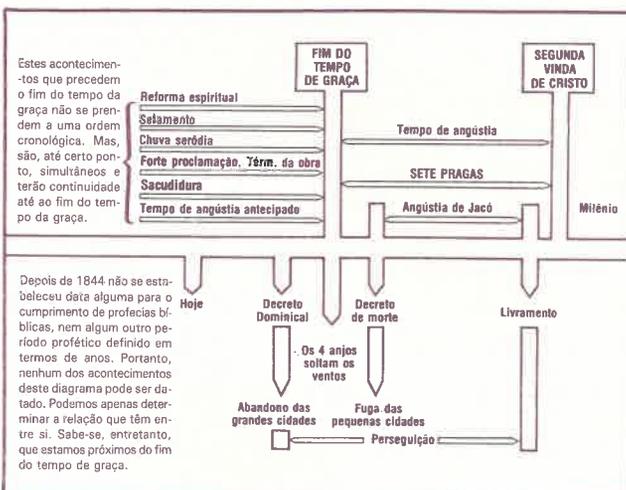
**Fim do tempo.** Começou em 1844 com a restauração da verdade e a ampla proclamação do Evangelho Eterno de Apocalipse 14. Este é o tempo em que vivemos e nele temos Daniel 12:4.

**Tempo de Provação.** É o período de angústia do povo de Deus, antes do derramamento das pragas. Rcomeça a perseguição. A igreja será purificada e será derramada a chuva seródia. Apocalipse 12:12-17.

**Tempo de Angústia.** Coincide com o fim do tempo da graça e ocorre durante o derramamento das sete últimas pragas será um tempo de terrível sofrimento para os fiéis. É a «angústia de Jacob». Os ímpios também sofrem com os juízos divinos. Há o Armagedom e depois o libertamento com a vinda de Jesus. Daniel 12:1; Jeremias 30:7; Apocalipse 7:14 e 16.

Expostos assim os tempos finais, resta-nos reconhecer os momentos que atravessamos. Uma retrospectiva histórica e uma análise aos acontecimentos dizem que estamos no ocaso do «fim do tempo». Jesus em breve virá. «Retenhamos firme a confissão da nossa esperança» (Heb. 10:23-25). Estejamos preparados.

A. Nunes, é Departamental de Evangelismo, Associação Pastoral, e Escola Sabatina.



# DA MONARQUIA TERRESTRE AO REINO DE DEUS

ALFREDO VUACHER



Enquanto durou em Israel a dinastia davídica, a Assíria e o Egito, as duas nações que aspiravam à hegemonia universal, foram providencialmente mantidas em equilíbrio. Quando Salomão morreu, a nação israelita encontrava-se já enfraquecida por um cisma que a dividira, levantando tribo contra tribo, de sorte que havia duas facções: as tribos que se tinham revoltado e as que permaneciam fiéis à dinastia legítima.

No ano de 721 antes da nossa era, o reino de Samaria foi absorvido pela Assíria; em 606, Jerusalém foi tomada por Nabucodonosor I, fundador do reino neobabilônico, que, todavia, deixou na Judeia um rei-vassalo, pertencente à família de David. Tendo-se revoltado Sedecias, os Caldeus destruíram Jerusalém e grande número de Israelitas foram constrangidos a ir juntar-se no exílio aos que anteriormente tinham sido deportados. Nessa altura, o profeta Ezequiel dirigiu ao último rei de Judá as seguintes palavras: «E tu, ó profano e ímpio príncipe de Israel, cujo dia virá no tempo da extrema maldade, assim diz o Senhor Jeová: tira o diadema, e levanta a coroa; esta não será a mesma: exalta ao humilde, e humilha ao soberbo. Ao revés, ao revés, ao revés a porei, e ela não será mais, até que venha

aquele a quem pertence de direito, e a ele a darei» (Ezeq. 21:25-27).

No seu testamento, o patriarca Jacob declarara: «O ceptro não se arredará da Judá, nem o legislador de entre seus pés, até que venha Shiloh e a ele se congregarão os povos» (Gén. 49:10).

O ceptro arrancado das mãos do rei de Judá passou para as do rei de Babilónia. Aos reis vizinhos, que encorajavam Sedecias a sacudir o jugo babilónico, o profeta Jeremias mandara dizer: «Eu fiz a terra, o homem e os animais que estão sobre a face da terra, pelo meu grande poder e com o meu braço estendido, e a dou àqueles que me agrada em meus olhos. E agora, eu entreguei todas estas terras na mão de Nabucodonosor, rei de Babilónia, meu servo; e ainda até os animais do campo lhe dei, para que o sirvam. Todas as nações o servirão a ele, e a seu filho, e ao filho de seu filho, até que venha o tempo da sua própria terra, quando muitas nações e grandes reis se servirão dele» (Jer. 27:5-7).

Uma «visão dura» revelara ao profeta Isaías que o reino babilónico haveria de sucumbir aos golpes dos seus vizinhos havia muito subjugados. «Sobe, ó Elam, sítia, ó Medo... Caída é Babilónia, caída é! e todas as imagens de escultura dos seus deuses se quebraram contra a terra» (Isa. 21:2, 9).

Os avatares da monarquia terrestre inaugurada por Nabucodonosor foram descritos simbolicamente pelo profeta Daniel. Sob a imagem de uma estátua metálica (Daniel 2:31-40), a visão mostrou as sucessivas formas desta monarquia, ou seja, os quatro impérios representados pelo ouro, prata, cobre e ferro. Aos esplendores do Império Babilónico, deveria suceder o reino dos Medos e dos Persas (Dan. 2:37, 38), inferior ao precedente, isto é, de menor brilho. A seguir surgiria «o rei da Grécia», Alexandre o Grande (Dan. 8:21), e finalmente, Roma, mencionada sob a designação de Quitim (Dan. 11:30).

Do ouro ao ferro, passando pela prata e pelo cobre,

---

**«As profecias são perfeitamente compreensíveis depois de terem sido cumpridas**

Martinho Lutero

a monarquia terrestre sofreu uma degradação constante, desmentido infligido à teoria do progresso em voga até às duas recentes guerras mundiais.

As quatro sucessivas formas de monarquia terrestre reaparecem no livro de Daniel sob o símbolo de animais ferozes: leão, urso, leopardo, monstro com dentes de ferro. «A coroa retirada a Israel passou sucessivamente para os reinos de Babilónia, dos Medo-Persas, da Grécia e de Roma.» (E.G. White in *Review and Herald*, 23.11.1905.) Esta interpretação, dita tradicional, encontra-se já nas obras de um autor judeu do primeiro século da nossa era, Flávio Josefo (*Antiguidades Judaicas* X, 10, 4, e X, 11, 7), foi aceite por Hipólito de Roma, Cirilo de

Jerusalém, Agostinho, João Crisóstomo, na antiguidade; e em tempos posteriores pelos católicos Luís de Alcazar (1554-1613), António Martini (1720-1809), Joseph-Franz Allioli (1793-1873), Jules Fabre d'Enviu (1821-1901), Charles Trochon (morto em 1888), Augustin Crampon (1826-1894) Joseph Knabenbauer (1819-1911), Joseph Linder (1849-1909); pelos protestantes Martinho Lutero, Filipe Melancthon, João Calvino, Lambert Danneau, pelos dois irmãos Jean-Philippe e Charles-Louis Loys de Cheseaux, Isac Newton, Thomas Newton, Pierre du Moulin, Louis Gaussen, Emile Guers, Jean-Augustin Bost, Emile Burnier, Charles-Henry-Hamilton Wright, etc. Se alguns comentadores preferiram outras interpreta-

ções, isso foi por preconceito, por à partida recusarem ao autor do livro de Daniel o carácter de profético e considerarem-no apenas um historiador cujo horizonte não ultrapassava a monarquia helénica.

A profecia do capítulo 2 de Daniel previu as sucessivas fases da última monarquia terrestre: Roma politicamente unida, as pernas de ferro da estátua simbólica, a saber, a Roma pagã; Roma após a introdução oficial do Cristianismo degenerado, o ferro e o barro dos pés; Roma dividida por uma dezena de estados Germano-latinos, a seguir às invasões bárbaras, os dedos em parte de ferro e em parte de barro (Dan. 2:41, 42). Haverá um quinto império (Dan. 2:44), mas será de origem celestial e não terá fim. Será inau-

gado por uma catástrofe: uma pedra lançada do monte sem intervenção humana ferirá a estátua, reduzindo-a a pó (Dan. 2:45.) No capítulo 7 do mesmo livro de Daniel, é um juízo divino que porá fim aos reinos deste mundo (Dan. 7:9-14) e permitirá ao Messias dar aos santos possessão da realeza (Dan. 7:22).

A rápida marcha dos acontecimentos provam-nos que tal momento não está longe. Por isso, é bom dar atenção ao apelo do Salmista: «Beijai o filho, para que não se ire, e pereçais no caminho, quando, em breve, se inflamar a sua ira; bem-aventurados todos aqueles que nele confiam» (Sal. 2:12).

*Alfredo Vaucher*, teólogo adventista de 102 anos, é especialista no livro de Daniel, sobre o qual escreveu diversas obras, apreciadas mesmo fora da Igreja.

## Lições da Profecia de Daniel 2

À luz do Evangelho, compreendemos que Jesus é não-somente a pedra que reduz a estátua a escombros, mas é também a montanha que enche toda a Terra. O Novo Testamento revela-nos que Jesus veio uma primeira vez em humildade para Se deixar quebrantar por nós pela pedra do juízo divino. Crer em Jesus é crer que, através da Sua morte e ressurreição, Ele operou a nossa salvação e nos livrou do juízo. «Quem ouve a minha palavra, e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna, e não entrará em condenação, mas passou da morte para a vida» (João

5:24). Por sua vez, o apóstolo Paulo dirá: «Portanto, agora, nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus» (Rom. 8:1). Jesus livra-nos da ira vindoura, porque, na realidade, «Deus não nos destinou para a ira, mas para a aquisição da salvação, por nosso Senhor Jesus Cristo» (I Tess. 5:9). Tal é a luz que o Evangelho nos proporciona ao lermos, na profecia de Daniel, a obra de destruição da pedra. É-nos dado ver como a pedra do juízo se transforma num grande monte que enche toda a terra.

Na profecia de Daniel 2 há

seis verdades que são realçadas:

1. Há um Deus nos Céus.
2. Este Deus tem servido-res na Terra.
3. Deus dirige a história em direcção ao alvo grandioso que fixou.
4. Deus predisser a marcha do mundo e da sua história desde o reino de Babilónia até à divisão da Europa saída do Império Romano.
5. Os esforços dos homens para unir as nações num império mundial estão condenados ao fracasso.
6. A instauração do reino

eterno de Deus será precedida pelo fim catastrófico deste mundo.

«Certo é o sonho, e fiel a sua interpretação» (Dan. 2:45), declarou Daniel a Nabucodonosor. Nós, que vivemos vinte e seis séculos depois desta profecia, podemos atestar o seu cumprimento exacto.

Não tomaríamos nós a sério os avisos de Deus para escapar, não às terríveis catástrofes provocadas pelo homem, mas à verdadeira ameaça dos juízos de Deus? Em Jesus Cristo, Deus nos «chama para o seu reino e glória» (I Tess. 2:12).

# OS QUATRO IMPÉRIOS UNIVERSAIS NA PROFECIA

Fala-se correntemente no leão britânico, no urso russo, no galo gaulês, na águia alemã ou americana, e às vezes representam-se estas nações pelos emblemas que elas mesmas escolheram. Também a profecia se serve de animais para simbolizar nações. Se examinarmos o capítulo 7 do livro de Daniel, veremos um leão com duas asas de águia, um urso com três costelas entre os seus dentes e levantado de um lado, um leopardo com quatro asas de ave e quatro cabeças, e, finalmente, um quarto animal, terrível e espantoso, possuindo dez pontas.

Estes animais compósitos podem parecer-nos bizarros. No tempo de Daniel, os artistas representavam animais semelhantes nas paredes dos templos, nos portais dos monumentos ou palácios. O famoso dragão, símbolo de Marduque, representado sobre a porta de Ishtar em Babilónia, tinha cabeça de serpente com chifres e uma grande língua fendida, um corpo de quadrúpede coberto de escamas e uma cauda que terminava com o aguilhão do escorpião; as patas anteriores eram como as do leão, e as posteriores com as da águia, ou qualquer outra ave de rapina.

Os quatro animais da visão de Daniel representam quatro nações bem específicas. É o anjo que declara ao

profeta: «Estes grandes animais, que são quatro, são quatro reis que se levantarão da terra» (Dan. 7:17 «Rei» e «reino» são sinónimos, como se pode ver claramente no versículo 23: «O quarto animal será o quarto reino na terra».

Poderá-se-á ir mais longe e identificar estes quatro reinos? A profecia não teria sentido se o não pudéssemos fazer. O livro de Daniel fornece-nos, aliás, os elementos fundamentais para a sua interpretação. O sonho profético do capítulo 2 serve de introdução e de base às visões do livro de Daniel. Quatro reinos são representados pela estátua tetrametálica desse capítulo. À cabeça de ouro parece, sem dúvida, corresponder o primeiro animal da visão do capítulo 7, o leão, rei dos animais. Do mesmo modo, há vários pontos comuns entre as pernas de ferro e os pés da estátua e o quarto animal de Daniel 7. As pernas de ferro representam um reino que «será forte como ferro; pois, como o ferro esmiuça e quebra tudo, como o ferro quebra todas as coisas, ele esmiuçará e quebrará» (Dan. 2:40). Do quarto animal da sua visão, Daniel faz a seguinte descrição: «Eis aqui o quarto animal, terrível e espantoso, e muito forte, o qual tinha dentes grandes de ferro; ele devorava e fazia em pedaços, e pisava

aos pés o que sobejava» (Dan. 7:7). Nas duas profecias nos é dito que o quarto reino será dividido: «E, quanto ao que viste dos pés e dos dedos, em parte de barro de oleiro, e em parte de ferro, isso será um reino dividido» (Dan. 2:41). As dez pontas do quarto animal representam, por sua vez, dez reis: «Quanto às dez pontas, daquele mesmo reino se levantarão dez reis» (Dan. 7:24).

Examinando atentamente as profecias de Daniel, descobrem-se duas características que lhe são próprias e que se encontram também no Apocalipse:

Em primeiro lugar, possuem um elemento de *continuidade*. A época de Daniel serve-lhes de ponto de partida, é a instauração do reino eterno de Deus, de ponto de chegada. Sem nenhuma interrupção cronológica, estas profecias mencionam, por ordem de sucessão, os poderes políticos e religiosos universais que desempenharam, durante esse período, um determinado papel sobre a terra.

Em segundo lugar, estas profecias, em número de quatro, caracterizam-se também pela sua *repetição*. Todas cobrem o mesmo período de tempo, que vai da época de Daniel ao fim do mundo. Todavia, não se trata de uma simples repetição. Cada profecia completa a ou-

tra, amplificando-a. A estátua tetrametálica e os quatro animais apresentam-nos as mesmas monarquias, mas de um ponto de vista diferente. No seu sonho, Nabucodonosor viu as monarquias universais do exterior: «estátua que era grande e cujo esplendor era excelente». Os metais preciosos que a compunham contribuíam para produzir este efeito de esplendor. Ilustravam a riqueza e a glória dos reinos terrestres que os homens admiram. Os animais selvagens do capítulo 7 dão-nos a conhecer a natureza íntima desses poderes políticos. Ao lado físico e material sucede, por conseguinte, o lado moral e espiritual.

No entanto, a grande diferença entre as duas profecias reside noutro ponto. Enquanto as monarquias constituem a parte essencial do capítulo 2, no capítulo 7 elas servem apenas para introduzir um novo poder. Além disso, esta segunda profecia revela-nos a pessoa do Messias e os acontecimentos que se ligam ao reino messiânico.

O ponto de partida das quatro monarquias foi dado por Daniel na interpretação do sonho da estátua. Dirigindo-se a Nabucodonosor, soberano do Império Babilónico de 605 a 562 a.C., o jovem profeta declarou: «Tu, ó rei, és rei de reis, pois o Deus do céu te

tem dado o reino, o poder, e a força, e a majestade... *tu és a cabeça de ouro*» (Dan. 2:37, 38). Os fundamentos do império neobabilónico foram postos por Nabupolassar (626-605 a.C.), que sacudiu o jugo assírio e, ajudado pelos Medos, destruiu Nínive. Mas foi sob o longo reinado de seu filho Nabucodonosor que o novo império conheceu a sua idade de ouro. As conquistas militares e o esplendor arquitectural de Babilónia são principalmente obra de Nabucodonosor, que personificava bem o Império de Babilónia, tal como lho disse Daniel.

Estabelecido claramente o ponto de partida, não será difícil identificar os três impérios universais que suce-

deriam a Babilónia. O Império Medo-Persa dominou o mundo durante dois séculos, após a tomada de Babilónia por Ciro, em 539 a.C. É representado pelo peito de prata da estátua. Alguns antigos comentadores da profecia, e mesmo alguns modernos fazem da Média o segundo império e da Pérsia o terceiro. Mas tal explicação é insustentável, dado que o livro de Daniel reúne sempre os Medos e os Persas. O profeta anuncia ao último rei de Babilónia, Belshazar: «Dividido foi o teu reino, e deu-se aos medos e aos persas» (Dan. 5:28; ver também 6:8). No capítulo 8, o imperador medo-persa é representado por um único animal, um carneiro com duas

pontas. A explicação do símbolo do carneiro é fornecida no versículo 20: «Aquele carneiro que viste, com duas pontas, são os reis da Média e da Pérsia.» A história ensina-nos que o reino dos Medas foi contemporâneo do Império Babilónico. Vassalo dos Medas, Ciro da Pérsia revoltou-se, suplantou o seu suserano e tornou-se rei dos Medos e dos Persas por volta de 553, isto é, quinze anos antes da queda de Babilónia.

O terceiro império universal, o que sucedeu aos Medo-Persas depois de os ter vencido e subjugado, foi o império Grego de Alexandre o Grande e seus sucessores. No sonho da estátua ele é representado pelo cobre.

Vitioso da luta mortal travada contra Cartago, o Império Romano dominou a seguir, anexando os diferentes reinos saídos das conquistas de Alexandre. Roma tornou-se o quarto império universal, estendendo-se, no sec. II da nossa era, do Norte de Inglaterra ao Eufrates. Representado pela força do ferro no sonho de Nabucodonosor, o Império Romano foi estabelecido e mantido graças ao poder de ferro das suas legiões, a mais eficaz máquina de guerra que o mundo já vira até essa altura.

O quarto império haveria de ser dividido e sob nova forma durar até ao fim dos tempos. Com efeito, as invasões germânicas esmiuçaram o Império Romano e as nações que haveriam de dar nascimento aos actuais estados europeus formaram-se a partir dele.

Põe-se agora a seguinte questão: Corresponderão os quatro impérios — babilónico, medo-persa, grego e ro-

mano — aos quatro animais do capítulo 7 de Daniel? É o que vamos ver a seguir.



**O leão babilónico**

Os comentadores da profecia constataram que o leão é um símbolo particularmente apropriado a Babilónia. As escavações arqueológicas revelaram que este animal era o motivo favorito dessa cidade, especialmente sob a forma compósita de um leão com asas de águia, às vezes, com garras e bico, ou então de uma águia com cabeça de leão. Considerado como animal real, o leão foi escolhido como emblema de Nabucodonosor, que o fez gravar em tijolos de argila destinados às suas construções. O leão era reputado pela sua força e a águia pelo poder e amplitude do seu voo. Quando Nabucodonosor reinava do Mar Mediterrâneo ao Golfo Pérsico, do Sinai à embocadura do Tigre, este duplo símbolo, era bem apropriado para o primeiro império da profecia.

Daniel viu este leão de «asas arrancadas», «levantado da terra, e posto em pé como um homem; e foi-lhe dado um coração de homem». Esta linguagem simbólica significa que Babilónia deveria perder as suas qualidades de bravura, audácia e força. As revoluções palacianas e o imobilismo político enfraqueceram os Babilónios e tornaram-nos presa fácil para os vigorosos e marciais camponeses das montanhas da Pérsia. «As conquistas de Ciro e de Cambises, os dois primeiros Grandes Reis, são sem dú-



Escada da Apadana de Persépolis. Um Persa e um Medo de mãos dadas em sinal de fraternidade.

vida devidas à excelência do seu exército (cavalaria numerosa, bons arqueiros) mas também à quase completa ausência de resistência por parte dos seus inimigos: a Mesopotâmia que conquistaram estava vazia de todas as suas forças vivas devido a séculos de guerras assírias.» Roger Caratini, *Bor-das Encyclopédie*, vol. 4, 1968, p. 132.



### O urso medo-persa

O segundo animal, o urso, representa os Medo-persas. Daniel viu que ele «se levantou de um lado». No capítulo 8, este império é simbolizado por um carneiro com duas pontas, e é-nos dado o seguinte pormenor: «E as duas pontas eram altas, mas uma era mais alta do que a outra; e a mais alta subiu por último.» O anjo explicou que este animal representava «os reis da Média e da Pérsia».

Quando os Persas suplantaram os Medos, não os trataram como inferiores, mas consideraram-nos como confederados. Além disso, o

urso tinha «três costelas entre os seus dentes» e foi-lhe dito que devorasse «muita carne». Daniel declara a respeito do carneiro medo-persa: «Vi que o carneiro dava marradas para o ocidente, e para o norte e para o meio-dia.» Ciro venceu o reino lídio de Cresos e anexou-o em 546. Tomou Babilónia e assumiu a realeza babilónica em 539. Seu filho Cambises concluiu a conquista do mundo oriental ao apoderar-se do Egipto em 525. Nesta data, o Império Persa atingia todos os povos que viviam entre o Mar Egeu e o Indocuche, do Alto Nilo ao Iaxartes. A Pérsia tinha devorado mais «carne» do que qualquer um dos impérios que a tinham precedido.



### O leopardo grego

O leopardo, que sucede ao urso, simboliza com muita precisão o Império Grego-Macedónico fundado por Alexandre o Grande no séc. IV a.C. O leopardo é um

## «A história segue a forma que lhe foi estabelecida por Daniel.»

Roy Anderson

animal selvagem muito ágil, com saltos extraordinários. A visão sublinha a rapidez das conquistas do terceiro império dando quatro asas de ave ao leopardo. Os historiadores costumam usar os termos «destino fulgurante», «fuga impetuosa», «louca bravura», «cavalgadas loucas» para se referirem às campanhas-relâmpago de Alexandre. Quando parou a sua corrida além do Indo, tinha feito os seus soldados percorrerem, em oito anos, 18 mil quilómetros (quase metade da volta da terra).

A profecia dá mais uma precisão sobre o leopardo. Diz que tinha «quatro cabeças». A morte prematura de Alexandre, em 323, abriu caminho a meio século de guerras civis. Em 301, quatro generais dividiram entre si o imenso império Grego-Macedónico: Cassandro recebeu a Grécia e a Macedónia; Lisímaco ficou com a Trácia e a Ásia Menor; Seleuco com a Síria e a Mesopotâmia, Ptolemeu recebeu o Egipto e a Palestina. Mas em 281 Lisímaco foi eliminado e os três impérios gregos procuraram, cada um por sua vez, dominar durante todo o século III. No princípio do sec. II, Roma interveio vitoriosamente nos seus conflitos e acabou por tornar-se o quarto império da profecia, assumindo definitivamente e controlo do Oriente.

Assim, o estudo do livro de Daniel e dos aconteci-

mentos históricos permitem-nos afirmar que a profecia da estátua composta de quatro metais e a visão dos quatro animais apresentam ambas os quatro impérios universais que se sucederam junto ao Mediterrâneo, a partir do começo do séc. V a.C., sendo os seus nomes Babilónia, Medo-Pérsia, Grécia e Roma.

Não ignoramos que antes destes quatro impérios outros estados procuraram expandir-se e absorver outros. Houve um primeiro imperialismo babilónico antes de Nabucodonosor, houve também um imperialismo egípcio, um imperialismo hitita e um imperialismo assírio. Mas não se enquadram no livro de Daniel, uma vez que na época de Daniel pertenciam já ao passado.

Poderá alguém questionar-se sobre a razão de a profecia bíblica permanecer muda a respeito dos poderes mundiais que, após a queda do Império Romano, surgem de tempos a tempos. Mencionemos os impérios Carolíngio, espanhol, Napoleónico, britânico, alemão, russo, etc. Mas então, surge também a pergunta: Não bastará, para nos situarmos em relação ao reino eterno de Deus, que tenhamos à nossa disposição uma série de quatro impérios consecutivos e que saibamos que os pequenos reinos saídos do desmembramento do quarto império durarão até ao fim da história humana?



Alexandre o Grande na batalha de Issos. Pormenor do famoso mosaico de Pompeia.

# ROMA NA PROFECIA



Ao ler a profecia do capítulo 7 de Daniel, constatamos que o quarto animal ocupa nela um lugar especial. Enquanto os três primeiros impérios podem ser comparados a animais selvagens da criação (leão, urso, leopardo), o quarto não se parece com nada conhecido. É um monstro «terrível e espantoso, e muito forte». Daniel viu que este monstro tinha «dentes grandes de ferro» e que «ele devorava e fazia em pedaços, e pisava aos pés o que sobejava». Por essas características, ele «era diferente de todos os animais que apareceram antes dele». Mas possuía mais duas: «tinha dez pontas» e adquiriu uma undécima, «entre elas subiu outra ponta pequena» de modo que é difícil dizer através do que cometeu maior destruição, se foi pelos dentes de ferro, se pelas dez pontas, ou pela ponta pequena, pretenciosa e perseguidora.

Notemos que a descrição do quatro animal simbólico nos é dada pela primeira vez

quando Daniel relata uma visão nocturna (vrs. 7 e 8); a seguir, uma segunda vez, após o anjo ter dado ao profeta a explicação geral dos animais e que este manifestou o desejo de conhecer a verdade sobre o quarto animal, as suas dez pontas e a misteriosa ponta pequena. E quando o anjo responde ao pedido de Daniel, ouvimos falar, pela terceira vez deste quarto animal que será um reino «diferente» de todos os outros.

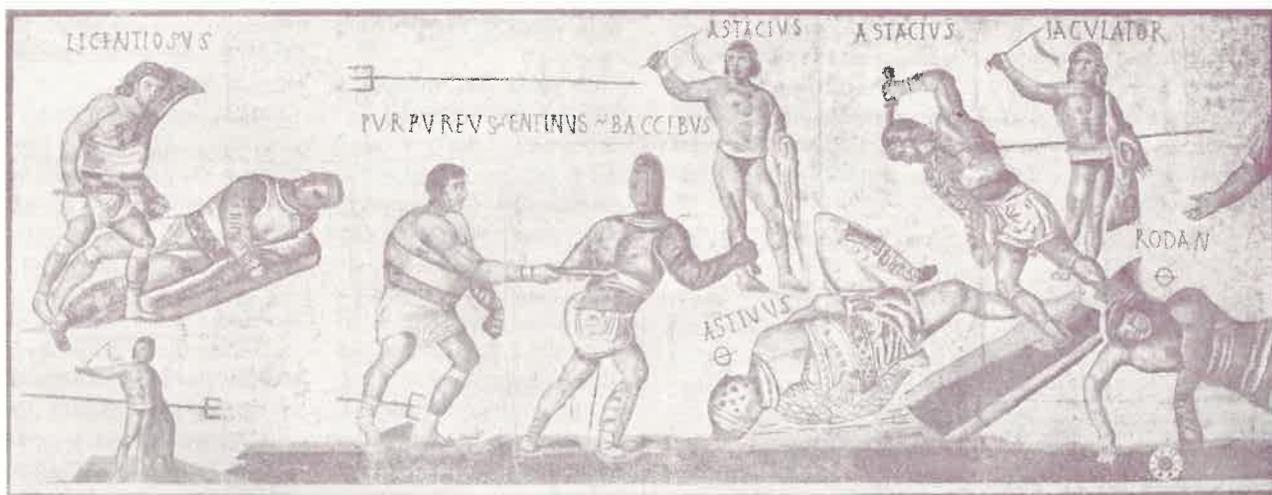
A profecia é um fio condutor, uma luz que guia o crenete nas trevas deste mundo até ao aparecimento de Cristo e ao estabelecimento do reino de Deus. Mas a profecia permanece um enigma enquanto os acontecimentos que prediz se não realizam. Já Blaise Pascal dizia, com justa razão: «Só se compreendem as profecias quando as coisas acontecem». E o Padre Lacunza, célebre comentador chileno dos livros de Daniel e Apocalipse, reconheceu que «o tempo é o melhor intérprete das profecias». Não é, pois, de

admirar que no séc. II ou I a.C. os Judeus tenham considerado o Império dos Selêucidas opressores como o quarto império da profecia de Daniel. No entanto, Jonathan ben Uzziel, pouco antes da era cristã, menciona Roma entre os quatro impérios. E o historiador judeu Flávio Josefo, o rabino Jonathan ben Zekkai e o Talmude transmitem-nos a tradição dos Judeus dos cinco primeiros séculos da nossa era sobre o Império Romano, reconhecido como o quarto império.

O Novo Testamento considerou Roma como o quarto império de Daniel. Isso se pode constatar no capítulo 24 de Mateus, no capítulo 2 da Segunda Carta de Paulo aos Tessalonicenses e no Apocalipse. Neste último livro, o poder perseguidor de Roma, sob suas sucessivas formas, é sempre representado por um monstro de dez pontas na cabeça, tal como o quarto animal de Daniel 7.

Este ponto de vista foi também o dos Pais da Igreja nos

cinco primeiros séculos. No primeiro comentário cristão, escrito por Hipólito de Roma durante o primeiro terço do séc. III, lemos estas linhas que reflectem a opinião geral de então: «O ouro, que simboliza o império dos Babilônios, é o leão; a prata, o império dos Persas, é o urso; o cobre, o império dos Helenos, comandado por Alexandre da Macedónia, é o leopardo. Após o que fala das pernas de ferro para significar o animal terrível e espantoso, com dentes de ferro, figura dos Romanos que dominam nos nossos dias e que são fortes como o ferro.» No entanto, Hipólito não foi o único a dar semelhante interpretação, como se pode ver pelas duas declarações seguintes. Eis o que afirmava Cirilo de Jerusalém no séc. IV, na sua *Catequese 15*: «Todos os autores eclesiásticos concordam em ver no Império Romano este quarto império.» E eis o que escreve Jerónimo, no princípio do séc. V: «Digamos, pois, o que ensinaram e transmitiram todos



O célebre mosaico dos gladiadores romanos. Galeria Borghèse.

os autores eclesiásticos, a saber, que na consumação dos séculos, quando vier a destruição do império dos Romanos, partilharão entre si o mundo romano, e um undécimo rei, mais pequeno, surgirá do meio deles e prevalecerá sobre três dos dez primeiros.»

Consideremos agora, brevemente, as características do monstro profético e comparemo-las com os dados da história.

*O quarto império deveria ser diferente dos três que o precederam.* O Império Romano foi-o de muitas maneiras. Os três primeiros tiveram uma forma monárquica de governo. O de Roma era republicano. Os imperadores concentravam o poder nas suas mãos e, simultaneamente, mantiveram a constituição republicana de Roma, os magistrados e o Senado.

No que diz respeito à duração, os três primeiros impérios, o mais que duraram foi 200 anos; o quarto parecia indestrutível. Virgílio faz dizer a Júpiter, ao falar dos Romanos: «Eu não assinalo limite nem ao seu poder nem à sua duração, dei-lhes um império sem fim.» Sob a forma unificada, Roma durou 600 anos, e prolongar-se-á até à vinda de Cristo sob a sua forma fragmentada.

*O quarto império deveria ser uma força espantosa (Dan. 7:7).* De origem camponesa, o romano era um homem obstinado e perseverante, e, quando era preciso, um soldado resistente e apaixonado. Treinado para fazer guerras perpétuas, orgulhoso de se

apoderar das ideias dos seus inimigos, o exército romano tornou-se uma temível máquina de guerra (equipamento, estratégia e tática, organização de acampamentos, serviços de artilharia e engenho, ciência de cercos e assaltos). Entre duas campanhas, os legionários treinavam-se continuamente e eram submetidos a uma disciplina muito rigorosa. O grande historiador agnóstico Gibbon chamou a Roma «monarquia de ferro», na sua monumental obra sobre o declínio e queda do Império Romano.

*O quarto império deveria «devorar toda a terra» (Dan. 7:23).* No início do séc. III da nossa era, a humilde cidade do Lácio, pobre, rude e rústica tornou-se uma orgulhosa e opulenta capital; estado estritamente municipal, elevou-se ao nível de estado imperial, dominando quase todo o mundo civilizado. O império Romano tinha então quase a superfície dos Estados Unidos e uma população de 70 a 90 milhões de almas. «Quem mais, escrevia Virgílio, molda o bronze, pleiteia processos e fala do movimento das estrelas? A vossa missão, ó Romanos, será governar as nações, poupar os vencidos e esmagar os orgulhosos.» Após lenta mas irresistível ascensão, como a história jamais vira, Roma submeteu e assimilou os mais diversos povos.

*O quarto império deveria devorar a terra, fazer em pedações e pisar aos pés o que sobejava (Dan. 7: 7, 19, 23).* Para bem compreender este traço específico, Luís Gaus-

sen convida-nos a libertarmos-nos das brilhantes ilusões que as leituras escolares possam ter deixado em nossas mentes quanto aos triunfos dos Romanos. «Os elogios que eles se atribuem nos seus livros fascinam-nos muitas vezes; a sua admiração por si mesmos ganha-nos, como se as fanfarras dos seus triunfos nos tornassem surdos aos soluços das suas vítimas.»

Durante as conquistas romanas os países anexados eram pilhados e durante muito tempo explorados sem misericórdia em proveito de cidadãos já bem fornecidos. «Através de poderosas vagas, que procederam a uma drenagem sistemática, esgotando os países que se lhe encontravam submetidos, [Roma] realizou a transferência para a península [italica] de tesouros acumulados pelas mais antigas civilizações vizinhas do Mediterrâneo.» «A cidade encontrava-se bastante rica para a partir de 167 a.C. suprimir o imposto directo pago pelos cidadãos; esse imposto não deveria reaparecer nunca mais.» (A. Aymard e J. Auboyer]

Durante quase todo o século II a.C. Roma fez guerra aos povos hispânicos para os submeter.» Quantas guerrilhas atrozes, quantas infâmias indignas de uma potência civilizada seria preciso enumerar antes de conseguir o resultado final!...» Um milhão de mortos e outro milhão de cativos vendidos em escravatura.

Os povos da Antiguidade foram cruéis e para eles a vida humana tinha bem pouco valor. Mas os Romanos ultrapassaram-nos a todos pela característica sistemática das suas crueldades, das suas flagelações, torturas, incêndios, crucifixões, massacres de prisioneiros e pelo prazer não-dissimulado que nisso encontravam. A insensibilidade foi, de facto, o mais sombrio aspecto do paganismo romano.

*Finalmente, o último traço, o quarto império deveria ser*

fragmentado numa dezena de reinos distintos. Ao falar das dez pontas que o monstro tinha na cabeça, disse o anjo a Daniel: «Quanto às dez pontas, daquele mesmo reino se levantarão dez reis» (Dan. 7:24). As invasões das nações bárbaras e a sua implantação no Império Romano do Ocidente cumpriram esta parte da profecia. Cristãos contemporâneos destes sinistros acontecimentos observaram este novo cumprimento da profecia. Retirado num mosteiro de Tolosa, Sulpício Severo observava, em 403, que os Bárbaros se tinham tornado soldados nas legiões romanas, que eles viviam nas cidades e províncias do Império sem adoptar os costumes romanos. Para ele, a profecia dos pés em parte de ferro e em parte de barro estava cumprida. Jerónimo faz a mesma constatação no seu comentário sobre Daniel. Ao tomar conhecimento de que toda a Gália fora devastada e ocupada pelos povos germânicos, a seguir que tivera lugar o saque de Roma por Alarico e seus Visigodos, em 410, anuncia que a queda de Roma é a realização da profecia e que o Anticristo (a undécima ponta) não tardará a aparecer.

Como tantos comentadores e historiadores do passado, constatamos também, com admiração, o cumprimento das profecias de Daniel. Um deles, Hipólito de Roma, que viveu no princípio do séc. III, após ter observado o cumprimento progressivo e fiel da profecia, dirige-se a Daniel e diz-lhe: «Alegra-te, bem-amado Daniel! Tu não te enganaste, todas estas coisas tiveram lugar... Desde agora, o ferro domina; desde agora, ele subjuga e reduz tudo em bocados; desde agora, ele submete todos os refractários; desde agora, nós mesmos vemos estas coisas. Agora, glorificamos a Deus, sendo instruídos por ti.» — *Tratado sobre Cristo e o Anticristo*, cap. 28.



# A «Ponta Pequena» — Daniel 7

## — 12 traços distintivos —

Os quatro impérios que a visão do capítulo 7 de Daniel nos apresenta têm como função introduzir e revelar um poder satânico que perseguirá os crentes. As características deste poder são bastante numerosas e precisas para que o seu assinalamento nos permita identificá-lo no plano histórico tão facilmente como às quatro monarquias que o precederam.

### 1. Sua natureza

A ponta pequena é um poder territorial e político. «Quanto às dez pontas, daquele mesmo reino [o quarto] se levantarão dez reis» (Dan. 7:24). É também um poder religioso, e nisso é diferente dos outros dez Estados. Com efeito, a profecia assinala-nos que o undécimo rei «será diferente de todos os reinos» e diz-nos em que será diferente: blasfema e persegue os crentes, e pretenderá até mudar os tempo e a lei de Deus.

### 2. Suas dimensões territoriais

Como rei, deve ser notavelmente fraco e pequeno entre os outros dez. É chamado «ponta pequena». Será um reino pequeno em dimensão territorial. Mas no plano espiritual será poderoso e temível.

### 3. Sua situação geográfica

A profecia é muito clara: «Estando eu considerando as pontas, eis que entre elas subiu outra ponta pequena»

(Dan. 7:8). O undécimo rei deve surgir no território do Império Romano Ocidental.

No símbolo, cada um dos quatro animais de Daniel tem o seu próprio corpo, diferente dos outros animais. Na realidade da história, cada império universal tem também o seu território especial que não se confunde com o dos outros impérios. É por isso que as dez pontas representam os dez Estados germano-latinos que resultaram do desmembramento do Império Latino do Ocidente, com exclusão do Império Grego do Oriente que subsistiu até 1453 e que por isso, do ponto de vista profético, pertenciam à terceira monarquia.

### 4. Época do Seu aparecimento

A profecia especifica-o: «Depois deles [os dez reis] se levantará outro» (Dan. 7:24). Este poder deve, por conseguinte, elevar-se após o estabelecimento dos dez reis bárbaros, isto é, no princípio do séc. VI da nossa era.

### 5. Crescimento gradual

Diante da ponta pequena, «três das pontas primeiras foram arrancadas.» (vs 8, 20 e 24). A maioria das nações germânicas que ocuparam todo o território de onde ia elevar-se o undécimo rei eram pagãs. Três professavam o arianismo, isto é, consideravam Jesus como um ser criado, de acordo com o ensino de um padre chamado Ario, no séc. IV. Estas três nações

arianas — os Hérulos, os Vândalos e os Ostrogodos — foram varridas entre 493 e 553. O reino que os Hérulos estabeleceram na Itália em 476 foi destruído quinze anos mais tarde por Teodorico, rei dos Ostrogodos. Ao subir ao trono de Constantinopla, em 527, o imperador Justiniano armou-se em defensor da ortodoxia que os reis bárbaros do Ocidente mal conheciam. Belziário, o seu general, desembarcou na África do Norte e pôs fim ao reino dos Vândalos, em 534. A seguir, desembarcou na Itália e apoderou-se de Roma no dia 10 de Dezembro de 536. Os Ostrogodos desapareceram finalmente em 553. A supressão destas três nações arianas e a conversão dos outros povos bárbaros ao catolicismo deixaram o lugar livre para o único poder que estava à altura de o exercer.

### 6. Sua extraordinária aparência

Daniel disse a respeito da ponta pequena que o seu «parecer era mais firme do que o das suas companheiras» (Dan. 7:207). O aspecto deste monarca deveria ser mais faustoso que o dos príncipes da Europa. «Faustoso na sua pessoa, na sua cabeça, nos seus vestidos; faustoso na sua corte, no seu cortejo, nas suas cerimónias públicas; faustoso nos seus edifícios, nos seus monumentos, nos seus palácios, na sua cidade capital, faustoso na sua coroação e na sua sepultura.» — Louis Gausson.

### 7. Extraordinária clarividência

A ponta pequena tinha «olhos, como olhos de homem» (Dan. 7:8). Este pequeno poder temporal teria uma extraordinária influência, graças à sua inteligência, habilidade, sagacidade e vigilância.

### 8. A sua linguagem

Além dos olhos, esta ponta tinha «um boca que falava grandiosamente» (vrs. 8, 11 e 20), e que «proferirá palavras contra o Altíssimo» (v. 25). É pela sua boca que este poder fará todo mal. A sua linguagem será audaciosa, altaneira, ameaçadora, blasfemadora.

### 9. Sua intolerância

Este poder fará guerra aos santos (Dan. 7:21, 25 a). Esta guerra não terá um carácter accidental, mas será uma guerra de extermínio, legalizada, implacável e vitoriosa. «Eu olhava, e eis que esta ponta fazia guerra contra os santos, e os vencia.»

### 10. O seu atentado contra a Lei de Deus

«Cuidará em mudar os tempos e a lei» (Dan. 7:25 b) «Pretenderá não apenas mudar algumas leis divinas, mas estabelecer mesmo outras regras de fé que não as Escrituras do Deus vivo e verdadeiro, impor as suas tradições humanas e mandamentos de homem...

# ÁREA DAS ILHAS



## Estatística Colheita 90 (Julho 1985 a Dezembro 1988)

	Baptismos	Número actual de membros
<b>Açores</b>		
Ponta Delgada	17	80
Lomba de S. Pedro		
Angra do Heroísmo	6	34
Serra de S. Tiago	6	26
Fetais da Piedade	5	26
Cais do Pico		
<b>Madeira</b>		
Funchal		
Porto Santo	26	320
Canico	4	41
<b>Totais</b>	<b>64</b>	<b>527</b>



## Representantes das Ilhas no Conselho da União

*Carlos Nobre Cordeiro*

*Eleutério Nunes*

## Objectivos

### 1. Abertura do trabalho em:

- Horta, ilha do Faial
- Machico, ilha da Madeira

### 2. Colportagem

- Colocação de 2 Colportores nos Açores

### 3. Evangelização

- a) Aumento dos Seminários do Apocalipse em cada igreja.
- b) Acção dos Grupos Maranata em cada igreja.

## Escola



### Externato Adventista do Funchal

Rua Conde Carvalho, 6A  
9000 Funchal  
Tel. (091) 22719

#### Directora:

*Liliana Teixeira*

#### Professores do Ensino Primário

*Jorge Branquinho*  
*Liliana Teixeira*

#### Professores da Telescola:

*Zélia Gonçalves*  
*Lígia Sousa*

#### Alunos Inscritos:

Primário: 64  
Telescola: 25

#### Conselho Escolar:

Carlos Nobre Cordeiro, Liliana Gil Teixeira,  
Maria do Carmo Brito, José Firmino  
Gonçalves

## Colportores

Honório Correia (aut) — Madeira e Porto Santo

Rosalina Ávila (oca)      Açores  
Ana Carla Lopes (est)

## COLHEITA 90

Durante alguns meses publicámos, com o relevo necessário, os aspectos do nosso trabalho em cada uma das áreas. Esta iniciativa teve o objectivo de ajudar cada um a compreender que não está sozinho na tarefa de disseminar a Verdade Presente.

Há objectivos que tem que ser alcançados pelas igrejas em cada uma das áreas. Os nossos irmãos dessas áreas deveriam unir-se para poderem levar a cabo acções missionárias vitoriosas.

Assim, a área do Porto está empenhada numa acção missionária de grande envergadura com a CAMPANHA DE EVANGELIZAÇÃO que ali se vai realizar. É uma acção que tem de contar com a colaboração de todos os elementos dessa área.

Outra acção que envolverá todas as áreas são os SEMINÁRIOS SOBRE APOCALIPSE E DANIEL, os quais devem, em primeiro lugar, envolver os crentes, e a seguir transbordar para fora da igreja. Todas as igrejas se devem envolver nestes Seminários.

Outra acção a desenvolver em todas as áreas são os Grupos Maranata, que devem envolver os nossos irmãos na acção missionária em favor dos outros.

Muitos crentes gostam de fazer trabalho através da literatura. Temos à sua disposição a possibilidade de serem DIFUSORES EVANGÉLICOS, ou usar folhetos e a *Revista Sinais dos Tempos* para levarem a mensagem às pessoas.

Talvez outros possam colaborar nas acções do Departamento da Juventude, ou no de Saúde e Temperança encontrarem também satisfação, colocando ao serviço da igreja os seus talentos.

Colheita 90 deve colocar-se como uma prioridade nas acções missionárias, individuais e das igrejas.

J. Morgado

autorizar aquilo que a Bíblia condena e condenar o que ela autoriza.» — Luís Gaussen.

## 11. Duração da sua supremacia

«E eles [os santos] serão entregues na sua mão, por um tempo, e tempos, e metade de um tempo» (Dan. 7:25 c). Al-o escreve: «Supõe-se justamente que o plural é para um duo, portanto um tempo e (=dois) tempos, e a metade de um tempo.» Em sentido literal, um tempo equivaleria a um ano. A duração indicada corresponde, pois, a três anos e meio, ou 42 meses, 1260 dias — porque para os Babilônios e para os Gregos, contavam-se 30 dias para cada mês e não se dava senão 360 dias ao ano. Este período é indicado por três expressões idênticas em Apocalipse 12:6; 14; 13:5.

O princípio profético de um dia-ano é expresso em Números 14:34 e Ezequiel 4:2-6. A sua mais notável aplicação encontra-se nas setenta semanas de anos do capítulo 9 de Daniel. É normal que os cristãos dos primeiros séculos tenham compreendido este período cronológico no seu sentido literal, porque a profecia mantém uma certa obscuridade até não ser realizada. Se tivessem sabido que a supremacia da ponta pequena devia durar mais de mil e duzentos anos, ter-se-iam desanimado e bem depressa teriam deixado de esperar a volta gloriosa de Jesus.

## 12. O momento do seu desaparecimento

Segundo os sinais indicados por Daniel, este poder deveria pronunciar palavras arrogantes até ao momento do juízo e da volta de Jesus. O profeta recebeu a seguinte explicação: «Mas o juízo estabelecer-se-á, e eles tirarão o seu domínio, para o destruir e para o desfazer, até ao fim» (Dan. 7:26).

# 2300 Anos, invenção adventista?

Daniel 8:44

ARNALDO B. CHRISTIAMINI

Certo «pastor» de um grupelho religioso es-púrio, num trabalho demolidor que pretendeu fazer em certa área da nossa grei, insistia que tanto a doutrina do santuário como a contagem dos 2.300 anos eram invenção dos adventistas.

Respeitante ao santuário, confirmamos que é doutrina privativa nossa, que Deus Se honrou em revelar primeiramente ao irmão Hirão Edson. No que toca, porém, à contagem dos 2.300 anos, dizemos a bem da verdade que não se originou no nosso meio. Sendo já estabelecida e comprovada por sedimentação através de exaustivos estudos no decurso de quase onze séculos, ela veio provar a exactidão de um período profético relacionado com a Igreja Adventista. E também o princípio do dia-ano é de origem antiquíssima, é legítimo, bíblico e comprovadíssimo nos cálculos proféticos. Esse princípio, aplicado às «2.300 tardes e manhãs» de Daniel 8:14 redundará no grande período de 2.300 anos. Os adventistas tiveram seu início confessional em 1844. E o princípio do dia-ano quando surgiu? É o que veremos da breve resenha que segue.

### 1. Expositores Judeus

1.º No século IX, NAHAWENDI da Pérsia, comentador judeu, foi dos pri-

meiros a considerar o período de 2.300 dias, como 2.300 anos, embora os começasse com a destruição de Shiloh em 942 A.C.

2.º RASHI e outros eruditos judeus também aplicaram os 2.300 anos, variando o início do período.

3.º NAHAMIDES, famoso médico espanhol do século XIII datava 2.300 anos como referindo-se ao reinado de David.

4.º RASHBAZ, médico judeu do século XV, iniciava os 2.300 anos a partir da destruição do reino de Israel.

5.º ISAAC ABRAVANEL, judeu espanhol, data-va 2.300 anos como a duração do exílio sob Roma.

### 2. Expositores Cristãos

6.º No século XIII surge um tratado denominado *De Semine Scripturarum*, atribuído a um monge de Bamberg, no qual ocorre a primeira interpretação cristã dos 2.300 anos, partindo-a do tempo de Daniel até o século XVI.

7.º No ano de 1292 ARNOLDO DE VILLANOVA, teólogo e médico espanhol, escreveu uma interpretação dos 2.300 anos, sempre com base no princípio dia-ano, como os demais.

8.º Ainda no século XV, NICHOLAS KREBS, cardeal católico, filósofo erudi-

to, escreveu, aliás no ano de 1452, *Conjectures Concerning the Last Days*, e conta 2.300 anos a partir de Daniel e termina em 1750.

9.º Na época da Reforma do Século XVI, e antes, surgem *pele menos 21 expositores bíblicos*, a começar em George Downham, teólogo inglês (1634), Edward King (1798) e outros, todos considerando Daniel 8:14 como 2.300 anos.

10.º JOHN TILLING, em 1655 escreveu o *Knowledge of the Times*, e nas páginas 152 e 153 refere-se aos 2.300 dias como 2.300 anos.

11.º Aproximadamente nessa época, WILLIAM SHERWIN expunha os 2.300 anos e os contava a partir do cativo babilónico.

12.º No fim do século XVII, THOMAS BEVERLY expôs os 2.300 anos começando-os a partir do domínio persa.

13.º Em 1669, um panfleto anónimo, intitulado *The Mysteries of God Finished*, calculava os 2.300 anos a partir do império Medo-persa.

14.º WILLIAM LOWTH, no início do século XVIII expunha sua teoria dos 2.300 anos.

15.º TEODORE CRINSOZ DE BIONENS, teólogo protestante suíço, também expunha 2.300 anos.

16.º O bispo THOMAS NEWTON, de Bristol, Inglaterra, também interpretava os 2.300 anos.

17.º DE LA FLÉCHÈRE, associado de Wesley, marcou para aproximadamente 1770 o fim dos 2.300 anos.

18.º Em 1787, um expositor bíblico com as iniciais «R.M.», até hoje inidentificável, datou os 2.300 anos, de 558 AC a 1742 AD.

19.º Um ministro escocês JOHN PURVES fazia os 2.300 anos acabarem em 1766.

20.º HEINRICH HORCH, teólogo da Reforma, escreveu em começos de 1700 sobre os 2.300 anos.

21.º GEORG HERRMANN GIBLEHR, pastor alemão, em 1700 também escreveu a respeito dos 2.300 anos, findo os quais se estabeleceria o reino de Cristo. E nele acham-se incluídas as 70 semanas.

22.º JOHANN P. PETRI (1718-1792) ministro alemão da Igreja Reformada, foi o primeiro a estabelecer o início simultâneo dos 2.300 anos e das 70 semanas de anos, com base no sentido do verbo hebraico que significa «cortar», «determinar», «separar», e pelo contexto. A obra denomina-se *Aufschklusz der Zahlen Daniels*.

23.º HANS WOOD, da Irlanda, no fim do século XVIII também faz ambos os períodos iniciarem juntos, a saber, os 2.300 anos e as 70 semanas.

24.º JAMES BICHENO, professor também advoga os 2.300 anos.

25.º EDWARD KING, teólogo e advogado, também menciona os 2.300 anos.

26.º THOMAS PARKER, pastor calvinista, em 1645 escreveu sobre os 2.300 anos, com convicção e maestria.

28.º COTTON MATHER (1663-1728), erudito, também defendeu ardorosamente a interpretação dos 2.300 anos.

29.º O reitor episcopal RICHARD CLARKE, de Carolina do Sul, (1794) escreveu e pregou muito sobre os 2.300 anos.

30.º O ministro congregacionalista SAMUEL GATCHEL, (Americano) defendeu vigorosamente a tese dos 2.300 anos em profecia.

31.º Um teólogo da Igreja Congregacional do nome SAMUEL HOPKINS, no final do século XVIII também escreveu muito sobre os 2.300 anos.

### 3. Expositores Mais Próximos do Período Milerita

Pouco antes de Guilherme Miller interpretar os 2.300 anos como findando em 1843 (Verão e depois Outono de 1844), e posteriormente a visão de Hirão Edson sobre a interpretação do período relacionado-o com o santuário celestial, muitos teólogos, ministros e escritores defendiam os 2.300 anos, sobressaindo-se:

32.º O erudito Gal. SAMUEL OSGORD, em 1813, em interessante tratado defende convictamente os 2.300 anos.

33.º O livreiro, publicista e culto JAMES WINTHROP, em 1821, publicava um livrete de sua autoria, defendendo a interpretação dos 2.300 anos.

## O tempo do fim? 1798

## O fim do tempo? 1844

### «Durante seis mil anos a obra de Satanás tem feito «estremecer a terra.»

— C. S. 711

### «Está para sempre terminada a obra de ruína de Satanás. Durante seis mil anos efectuou a sua vontade, enchendo a terra de miséria e causando pesar por todo o Universo.»

— ID. 726

34.º Na Inglaterra, em 1810, um autor inidentificável, que se assinava apenas «J.A.B.», escreveu um folheto defendendo o princípio do dia-ano, e os 2.300 anos.

35.º Em 1811, nos E.U., WILLIAM C. DAVIS publicou livros, afirmando que o período dos 2.300 anos terminaram em 1843 ou 1844.

36.º WILLIAM HALES, HANS WOOD, GEORGE FABER e o mais conhecido ADÃO CLARKE em fins do século passado, defendem a tese dos 2.300 anos, embora com divergências quanto às demarcações do período.

37.º Já no dealbar do milerismo, os presbiterianos escoceses WILLIAM CUNINGHAME e ARCHIBALD MASON fazem o início dos 2.300 anos em 457 A.C., findando em 1843. Nesta época, grupos de estudiosos preocupam-se

com o assunto, e a própria *Society For the Investigation of Prophecy* o estuda e fixam o término dos 2.300 anos para 1843 e 1844.

Surgem os milleritas e seu líder, Guilherme Miller, considerando o período de 2.300 anos de Dan. 8:14, que reza: «Até duas mil, e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado», com base no calendário judaico, datou o início do período para 457 A.C. quando Artaxerxes emitiu a ordem para reedificar Jerusalém. Por um simples cálculo matemático, subtraiu 457 a 2.300 e obteve 1843. Entretanto, não dispondo de dados mais precisos sobre a época do ano 457 A.C. em que a ordem foi emitida, afirmou Miller que Cristo voltaria à Terra (pois para ele «santuário» era a Terra) «cerca do ano 1843». A rigor não fixou dia, nem mês, nem ano. Já no ano de 1843, devido a pressões do próprio

movimento que liderava, Miller viu-se forçado a procurar uma data mais definida. Publicou então no jornal *Tribune*, de Nova York, uma carta em que afirmava «esperar o Senhor entre 21 de Março de 1843 a 21 de Março de 1844.» Note-se que o dia 21 de Março era lembrado porque o *ano judaico*, naquele ano de 1843, começava nesse dia. Achava ele que, visto terem sido as profecias dadas aos hebreus, o cômputo teria de basear-se necessariamente no calendário judaico, e tomou assim o início do ano como base.

S. S. Snow, outro pregador millerita ardoroso, começou a ensinar que Cristo viria no *décimo dia do sétimo mês*, porque no serviço

típico do santuário, era esse o Dia da Expição, considerado dia de juízo e também se dava a purificação do santuário. E no ano de 1844, o dia correspondente à Expição recaía em 22 de Outubro. E para corroborar o facto, pessoas cultas ligadas ao movimento millerita verificaram que o período *completo* dos 2.300 anos deveria abranger e incluir *todo o ano 457 A.C.* bem como *todo o ano de 1843* e alcançar a data designada em 1844. Argumentaram, a título de exemplo, que, de Março de 457 A.C. a Março de 1843 haveria apenas 2.299 anos, faltando um ano para completar os 2.300 anos. Raciocinaram que a criança só tem um ano de idade ao entrar no segundo

ano. E como — segundo a História — o decreto de Artaxerxes para reedificar Jerusalém foi promulgado no Outono de 457 A.C., então Jesus deveria, com certeza, retornar no Outono de 1844. O mais interessante: viram, surpresos, que isto coincidia com a ideia de se tomar como base o Dia da Expição, ou da Purificação do Santuário na data judaica para aquele ano. *Assim surgiu a data de 22 de Outubro de 1844.* Depois do Grande Desapontamento millerita, Hirão Edson teve, num paiol, a impressionante revelação de que, naquela data, Cristo penetrara no Lugar Santíssimo do Santuário Celestial, iniciando-se o Juízo de Investigação. No mesmo ano, a irmã White teve

a sua primeira visão, os espalhados e reduzidos mille-ritas que não abandonaram o movimento reagruparam-se, com fé inquebrantável na profecia bíblica, numa corporação que, gradativamente, se tornou a Igreja Adventista do Sétimo Dia. A data de 1844, é pois, um marco histórico para a igreja remanescente.

E a profecia dos 2.300 anos encontrou assim sua configuração exacta, a perfeição de seu cumprimento, a sua interpretação verdadeira.

---

*Arnaldo B. Christianini é pastor adventista e ex-redactor da RA Brasileira, donde extraímos este artigo (Março de 1973).*

## A Mensagem do Livro de Daniel

A igreja, baseada nas Escrituras que interpreta à luz do Espírito, sabe que o fim deste mundo há-de em breve chegar. Sabe que então voltará em glória e majestade Aquele que prometeu estar dia a dia com ela. A Igreja espera-O. Os acontecimentos preditos que vão tendo diariamente lugar no mundo podem afligi-la, mas não a desanimam. A sua atenção

concentra-se precisamente na promessa da Parusia. Muito em breve, fiel, paciente, amante, ela verá o Senhor descendo dos Céus. Essa é a grande visão à volta da qual se centra a mensagem do profeta de Daniel, a qual nos mostra três coisas:

1. O mar tumultuoso de povos e animais que dele emergem;

2. O Trono do Altís-

simo que exerce o juízo, e o Filho do homem a quem é dado o poder;

3. A Igreja perseguida, mas triunfante pela fé.

Este último ponto poderia talvez causar-nos uma certa preocupação. Mas sabemos que o Filho do homem é simultaneamente o Chefe e o Bom Pastor da Igreja. O Pastor vê vir o leão, o urso, o leo-

pardo, o quarto animal, mas não foge.

**«Eu sou o bom Pastor: o bom Pastor dá a sua vida pelas ovelhas. ... Ainda tenho outras ovelhas que não são deste aprisco; também me convém agregar estas, e elas ouvirão a minha voz, e haverá um rebanho e um Pastor.»** — João 10:11, 16.

# A REFORMA ALIMENTAR ADVENTISTA

## Saber comer é saber viver

A. NUNES

A reforma alimentar adventista não tem sido encarada com a devida correção pela maioria dos membros da igreja, e assim, vão estes sofrendo uma grande messe de sofrimento e doenças que Deus desejaria ver banidos do seio do Seu povo.

Ellen White não deixa dúvidas quanto aos objectivos da reforma alimentar adventista, quando diz: «Foi-me mostrado que Deus daria a Seu povo, observador dos Seus mandamentos, um regime de reforma, e que ao receberem-no eles, diminuiriam grandemente as próprias doenças e sofrimentos.» — *Conselhos Sobre o Regime Alimentar*, pp. 481, 482.

Desta maneira, a principal dificuldade do assunto da reforma alimentar adventista ainda é: como encará-la, a fim de usufruir completamente dos seus extraordinários benefícios?

Em resposta a tal pergunta, indicaremos seis atitudes que nos parecem mais correntes na época em que vivemos.

### 1. Reflexão e equilíbrio

Em tudo é necessário ponderação, mas na reforma alimentar torna-se indispensável evitar extremos. Uma atitude de equilíbrio é a mais salutar e útil. O fanatismo é prejudicial e deformador,

trazendo inúmeros prejuízos à igreja, e tornado-se enorme obstáculo à reforma alimentar adventista. Não raro termina em conflitos de fraternidade, afastando crentes e visitas.

### 2. Evitar a confusão

Muitos confundem a reforma alimentar adventista com o naturismo, vegetarianismo, macrobiótica, etc. É possível que haja muitos pontos comuns com as citadas formas de alimentação e até algumas concordâncias: daí a confusão. A reforma alimentar adventista não se identifica com tais escolas, porque participa de um programa divino, centrado numa filosofia muito própria, e não prescreve os regimes apontados, mas sim o regime lacto-ovo-vegetariano. Não nos podemos pois deixar influenciar por tais conceitos, em geral marcadamente individualistas, trazendo enorme confusão, abalando a saúde e fazendo reinar um certo obscurantismo nos nossos membros.

Deste modo, não podemos chamar reforma pró-saúde àquilo que vem eivado de filosofias orientalistas e não é nitidamente adventista.

### 3. Considerar a origem divina

Os nossos princípios de reforma alimentar têm a sua

origem em Deus, são oriundos do Céu, e devem ser considerados como os melhores de todos, *insuperáveis*, no dizer do Espírito de Profecia. Como muitos adventistas têm ignorado esta leitura e têm adoptado alguns dos tantos regimes inventados pelo homem, tais como o «regime dos astronautas», a «macrobiótica», etc., torna-se importantíssimo aconselhar um retorno às nossas fontes, porque, como Deus diz em Jeremias 2:13, «O meu povo fez duas maldades: a mim me deixaram, o manancial de águas vivas, e cavaram cisternas, cisternas rotas, que não retêm as águas.»

### 4. Ir às origens

Deus faz-nos um apelo a que estudemos este assunto nos escritos que nos transmitiu através da Sua mensageira, e não nas filosofias naturistas ou vegetarianistas. Desta forma, a verdade sobre a reforma alimentar adventista encontra-se nos escritos de Ellen G. White, que são, inclusivamente, apreciados e recomendados por nutricionistas não-denominacionais. Tais escritos são para nós a verdadeira fonte, pelo que se insiste na sua leitura e em evitar a tendência de mesclar conceitos filosóficos com os princípios da reforma pró-saúde adventista.

### 5. Maximizar as características peculiares

A reforma alimentar adventista possui características próprias que a tornam diferente de qualquer outro regime alimentar, e é exactamente nisso que reside o seu valor. O Espírito de Profecia declara que Deus nos ensinará uma alimentação correcta: «O Senhor ensinará a muitos, em toda a parte do mundo, a combinar frutas, cereais e verduras numa alimentação que sustenha a vida e não produza doença.» — *Conselhos Sobre o Regime Alimentar*, p. 96.

O Senhor ensinará, eis o que distingue o nosso regime dos outros. D'Ele aprendemos. Os orientais, os naturistas, os vegetarianistas, etc. não devem tomar o lugar do Senhor como pedagogos em matéria de nutrição, a qual objectiva saúde plena para o ser todo.

Sem modelos obrigatórios, E. G. White recomenda-nos o conhecimento e utilização dos alimentos que melhor satisfaçam as nossas necessidades individuais, dando princípios gerais de alimentação com um grande leque de aplicação, de forma a suprir essas necessidades, evitando o que possa fazer mal.

### 6. Não perder de vista os objectivos

Deus deu a conhecer ao

da e colocada sobre «o mais fraco dos filhos de Deus». Ao meditar sobre a sua responsabilidade, temeu a reacção que se seguiria se relatasse que havia tido visões, pois os Milleritas havia tomado uma firme posição contra tais manifestações. Certa vez, um grupo de pessoas reuniu-se para ouvi-lo relatar o que tinha visto, mas ele recusou-se a fazê-lo. Pouco depois disto sentiu sentimentos muito estranhos e ouviu uma voz que lhe disse: «Tu enristecestes o Espírito do Senhor».

Ao ouvir essa voz, ele ficou horrorizado pela sua teimosia e rebelião e respondeu ao Senhor que iria relatar a visão. Convocou uma reunião, mas não conseguiu lembrar-se de uma única palavra da visão. Após várias tentativas exclamou desesperado: «Foi-se de mim; não consigo dizer nada, o Espírito do Senhor abandonou-me». A reunião foi descrita por aqueles que a ela assistiram como «a mais terrível a que jamais haviam assistido.

Em Fevereiro de 1845, Ellen G. Harmon visitou Poland, Maine, terra natal e residência de Foss. Foi-lhe pedido para ela relatar a visão que tivera em Dezembro passado. Foss foi convidado a assistir a esta reunião. Apesar de ter vindo, recusou-se a entrar no salão. Ficou no Hall de entrada, junto à porta que dava para o salão da conferência. Enquanto escutava o relato de Ellen, acenava com a

cabeça e ia afirmando: «Foi isso mesmo que eu também ouvi e vi». Quase a terminar saiu dali afirmando: «Sou um homem perdido, sou um homem perdido!»

No dia seguinte ele visitou Ellen e declarou-lhe: «Ellen, ... o Senhor deu-me uma mensagem para transmitir. E eu recusei depois de ter sido informado das conseqüências. Eu fui orgulhoso; sentia-me irreconciliado para com o desapontamento. Murmurava contra Deus e desejava morrer. Depois senti um estranho sentimento apoderar-se de mim. Serei daqui em diante como morto para as coisas espirituais. Ouvi-te falar ontem à noite. Creio que as visões foram retiradas de mim e colocadas sobre ti. Não recuses obedecer a Deus, pois isso poria em risco a tua alma. Eu sou um homem perdido. Tu foste escolhida por Deus; sê fiel em fazer a tua obra e a coroa que eu poderia obter, tu a receberás».

Foss morreu em 1893, mas desde que recusou relatar as suas visões nunca mais teve interesse em assuntos religiosos.

### Ellen G. White

Ellen Gould Harmon, a que já fizemos referência, passou a ser conhecida por Ellen G. White após o seu casamento, em 30 de Agosto de 1846, com o pastor Tiago White. Teve a sua

primeira visão em Dezembro de 1844, poucas semanas depois do grande desapontamento. Nessa visão, ela viu o povo do Avento a caminho de Canaã Celestial, sobre uma elevada plataforma muito acima do nível deste mundo. No final dessa plataforma estava Jesus para receber o Seu povo na nova Jerusalém que estava logo atrás d'Ele. Atrás deles havia uma luz que lhes iluminava o caminho. Enquanto permanecessem com os olhos fixos em Jesus mantinham-se firmemente nessa vereda. Se afastavam os olhos d'Ele tombavam dessa plataforma e caíam nas densas trevas do mundo, para nunca mais voltarem a ser vistos.

Quando Ellen teve esta sua primeira visão, ainda o povo não estava completamente refeito do recente desapontamento. Esta visão veio animá-los e reafirmar-lhes a fé. Em 7 de Abril de 1845, na sua segunda visão, Ellen teve a explicação do desapontamento. Ela viu o Santuário Celestial e Cristo que passou do lugar Santo para o lugar Santíssimo para aí finalizar a Sua obra antes de regressar à Terra para buscar os Seus fiéis. Escusado será dizer que estas visões trouxeram não só novo ânimo para o pequeno grupo do «remanescente», mas também a explicação do terrível desapontamento por que haviam passado.

Durante o resto da sua vida, Ellen G. White teve cerca de 2 000 visões e sonhos. Deixou cerca de 100 00 páginas de manuscritos e 50 livros impressos e em circulação. Hoje muitos mais livros existem publicados baseados nesses manuscritos, como ela própria indicara no seu testamento que se fizesse após a sua morte.

As suas mensagens contêm advertências, conselhos, apelos e avisos. Se o povo de Deus lhes der atenção compreenderá melhor as injunções bíblicas para os nossos dias e entrará finalmente na posse do «reino que nos está preparado desde a fundação do mundo». Oxalá assim aconteça com cada um de nós e particularmente com cada leitor da Revista Adventista.

M. N. Cordeiro é responsável pelo Serviço Espírito de Profecia na União e pastor das igrejas do distrito de Aveiro.

## A Obra para o Presente Tempo

«Estamos na iminência de importantes e solenes acontecimentos. Cumprem-se as profecias. Uma estranha e acidentada história está sendo registada nos livros do Céu. Tudo em nosso mundo se mostra em estado de agitação. Há guerras e rumores de guerras. As nações estão iradas, e é chegado o tempo dos mortos para serem julgados. Os acontecimentos se sucedem, alternando-se e apressando o dia de Deus, que está muito próximo. Só nos resta, por assim dizer, um pequeno instante. Mas, conquanto nação se esteja levantando contra nação e reino contra reino, não se desencadeou ainda um conflito geral. Ainda os quatro ventos sobre os quatro cantos da Terra estão sendo retidos até que os servos de Deus estejam assinalados na testa. Então as potências do mundo hão de mobilizar suas forças para a última grande batalha.» — *Testemunhos Selectos*, vol. II, p. 369.

## Paivas: Baptismos

Dia 18 de Março. A semana de oração dos jovens terminava e desejávamos apresentar uma oferta de gratidão a nosso Pai Celestial por tudo quando nos tem dado através da nossa vida. Recon-sagramo-nos por isso, juntamente com as quatro almas que ofereciam suas vidas a Deus, numa entrega total, através do seu baptismo: o ir. Uménio Frade Guerra, marido da nossa irmã Eva, a irmã Graciete da igreja de Corroios, e as jovens Carla Sílvia e Fátima Iolanda que se uni-

ram à igreja das Paivas.

Estamos profundamente reconhecidos ao Senhor por ter impressionado os seus coração a tomarem essa decisão e oramos para que ela se torne cada vez mais firme e devotada. Estamos orando também para que o Senhor Se digne preparar o Seu povo para receber a chuva serôdia e assim, o Alto Clamor seja dado.

MARANATA

A. Echevarria

Pastor da igreja das Paivas



mo professores e obreiros de Jesus: ajudar os nossos alunos e suas famílias a trilharem o caminho que os conduz aos pés de Jesus e, conseqüentemente, abreviar a Sua volta.

«O mundo de hoje precisa de alguém que dê valor ao que realmente tem valor, que tenha semblante que inspire confiança, cujo passo seja seguro e saiba dizer ao desorientado: «eis o caminho»;

que tenha palavra doce e olhar puro e confiante; cuja vida seja luz e que essa luz seja CRISTO.»

Oramos para que este Retiro Espiritual tenha sido um meio de ajudar cada um de nós, que nele participou, a sermos esses «alguém» de que o mundo precisa.

Helena Maria Graça

professora da Igreja de Coimbra

## Primeiro Retiro Espiritual para Professores

Foi com alguma expectativa que chegámos às instalações do INATEL, no Luso, para participarmos no Retiro Espiritual que aí se realizou de 10 a 12 de Fevereiro. Mas foi cheios de coragem e de novas energias que saímos daquele local.

Estiveram presentes os professores de todos os graus de ensino, desde o infantil ao complementar, das escolas do nosso país: Vila do Conde, Oliveira do Douro, Vila Real, Coimbra, Santarém, Lisboa e Setúbal.

C Departamental da Educação, Dr. Samuel Grave, escolheu como base do nosso estudo, durante este retiro, o livro «Educação», da irmã White, e, em particular, os capítulos intitulados «O Mes-

tre enviado de Deus» e «Disciplina». Este estudo foi feito por grupos. Cada elemento do grupo preocupou-se em extrair os ensinamentos aí contidos, que poderiam aplicar na sua vida como professor e também, através das experiências pessoais, enriquecer e ajudar os outros membros do grupo.

Mas este retiro tinha como objectivo enriquecer-nos ainda mais e realmente foi o que aconteceu. O Pr. Mário Brito contribuiu, de uma maneira extraordinária, para esse enriquecimento, através das suas mensagens, ao alertar-nos, mais uma vez, para a necessidade da nossa total consagração a Deus, a fim de podermos levar a bom termo a nossa missão co-

## CADAVAL: Primeira Escola Cristã de Férias

Durante as férias de Natal, a igreja do Cadaval, constituída por apenas 6 crentes, levou a efeito a sua primeira Escola de Férias. Realizou-se no próprio edifício da igreja e contou com a colaboração de vários crentes sob a direcção do pastor local e sua esposa, Anne e Luis Nunes.

O êxito desta Escola Cristã de Férias foi notável e é tanto maior

pelo facto de não ter havido nela uma única criança da igreja. Todas as que vieram — e foram 20! — eram de fora.

Após as duas semanas que durou, a Escola Cristã de Férias terminou, como é hábito, com uma pequena festa de encerramento, à qual assistiram várias pessoas, familiares e amigos das crianças participantes.



da e colocada sobre «o mais fraco dos filhos de Deus». Ao meditar sobre a sua responsabilidade, temeu a reacção que se seguiria se relatasse que havia tido visões, pois os Milleritas havia tomado uma firme posição contra tais manifestações. Certa vez, um grupo de pessoas reuniu-se para ouvi-lo relatar o que tinha visto, mas ele recusou-se a fazê-lo. Pouco depois disto sentiu sentimentos muito estranhos e ouviu uma voz que lhe disse: «Tu entristecestes o Espírito do Senhor».

Ao ouvir essa voz, ele ficou horrorizado pela sua teimosia e rebelião e respondeu ao Senhor que iria relatar a visão. Convocou uma reunião, mas não conseguiu lembrar-se de uma única palavra da visão. Após várias tentativas exclamou desesperado: «Foi-se de mim; não consigo dizer nada, o Espírito do Senhor abandonou-me». A reunião foi descrita por aqueles que a ela assistiram como «a mais terrível a que jamais haviam assistido.

Em Fevereiro de 1845, Ellen G. Harmon visitou Poland, Maine, terra natal e residência de Foss. Foi-lhe pedido para ela relatar a visão que tivera em Dezembro passado. Foss foi convidado a assistir a esta reunião. Apesar de ter vindo, recusou-se a entrar no salão. Ficou no Hall de entrada, junto à porta que dava para o salão da conferência. Enquanto escutava o relato de Ellen, acenava com a

cabeça e ia afirmando: «Foi isso mesmo que eu também ouvi e vi». Quase a terminar saiu dali afirmando: «Sou um homem perdido, sou um homem perdido!»

No dia seguinte ele visitou Ellen e declarou-lhe: «Ellen, ... o Senhor deu-me uma mensagem para transmitir. E eu recusei depois de ter sido informado das consequências. Eu fui orgulhoso; sentia-me irreconciliado para com o desapontamento. Murmurava contra Deus e desejava morrer. Depois senti um estranho sentimento apoderar-se de mim. Serei daqui em diante como morto para as coisas espirituais. Ouvi-te falar ontem à noite. Creio que as visões foram retiradas de mim e colocadas sobre ti. Não recuses obedecer a Deus, pois isso poria em risco a tua alma. Eu sou um homem perdido. Tu foste escolhida por Deus; sê fiel em fazer a tua obra e a coroa que eu poderia obter, tu a receberás».

Foss morreu em 1893, mas desde que recusou relatar as suas visões nunca mais teve interesse em assuntos religiosos.

### Ellen G. White

Ellen Gould Harmon, a que já fizemos referência, passou a ser conhecida por Ellen G. White após o seu casamento, em 30 de Agosto de 1846, com o pastor Tiago White. Teve a sua

primeira visão em Dezembro de 1844, poucas semanas depois do grande desapontamento. Nessa visão, ela viu o povo do Avento a caminho de Canaã Celestial, sobre uma elevada plataforma muito acima do nível deste mundo. No final dessa plataforma estava Jesus para receber o Seu povo na nova Jerusalém que estava logo atrás d'Ele. Atrás deles havia uma luz que lhes iluminava o caminho. Enquanto permanecessem com os olhos fixos em Jesus mantinham-se firmemente nessa vereda. Se afastavam os olhos d'Ele tombavam dessa plataforma e caíam nas densas trevas do mundo, para nunca mais voltarem a ser vistos.

Quando Ellen teve esta sua primeira visão, ainda o povo não estava completamente refeito do recente desapontamento. Esta visão veio animá-los e refirmar-lhes a fé. Em 7 de Abril de 1845, na sua segunda visão, Ellen teve a explicação do desapontamento. Ela viu o Santuário Celestial e Cristo que passou do lugar Santo para o lugar Santíssimo para aí finalizar a Sua obra antes de regressar à Terra para buscar os Seus fiéis. Escusado será dizer que estas visões trouxeram não só novo ânimo para o pequeno grupo do «remanescente», mas também a explicação do terrível desapontamento por que haviam passado.

Durante o resto da sua vida, Ellen G. White teve cerca de 2 000 visões e sonhos. Deixou cerca de 100 000 páginas de manuscritos e 50 livros impressos e em circulação. Hoje muitos mais livros existem publicados baseados nesses manuscritos, como ela própria indicara no seu testamento que se fizesse após a sua morte.

As suas mensagens contêm advertências, conselhos, apelos e avisos. Se o povo de Deus lhes der atenção compreenderá melhor as injunções bíblicas para os nossos dias e entrará finalmente na posse do «reino que nos está preparado desde a fundação do mundo». Oxalá assim aconteça com cada um de nós e particularmente com cada leitor da Revista Adventista.

M. N. Cordeiro é responsável pelo Serviço Espírito de Profecia na União e pastor das igrejas do distrito de Aveiro.

## A Obra para o Presente Tempo

«Estamos na iminência de importantes e solenes acontecimentos. Cumprem-se as profecias. Uma estranha e acidentada história está sendo registada nos livros do Céu. Tudo em nosso mundo se mostra em estado de agitação. Há guerras e rumores de guerras. As nações estão iradas, e é chegado o tempo dos mortos para serem julgados. Os acontecimentos se sucedem, alternando-se e apressando o dia de Deus, que está muito próximo. Só nos resta, por assim dizer, um pequeno instante. Mas, conquanto nação se esteja levantando contra nação e reino contra reino, não se desencadeou ainda um conflito geral. Ainda os quatro ventos sobre os quatro cantos da Terra estão sendo retidos até que os servos de Deus estejam assinalados na testa. Então as potências do mundo hão de mobilizar suas forças para a última grande batalha.» — *Testemunhos Selectos*, vol. II, p. 369.

## Paivas: Baptismos

Dia 18 de Março. A semana de oração dos jovens terminava e desejávamos apresentar uma oferta de gratidão a nosso Pai Celestial por tudo quando nos tem dado através da nossa vida. Recon-sagrámos-nos por isso, juntamente com as quatro almas que ofereciam suas vidas a Deus, numa entrega total, através do seu baptismo: o ir. Uménio Frade Guerra, marido da nossa irmã Eva, a irmã Graciete da igreja de Corroios, e as jovens Carla Sílvia e Fátima Iolanda que se uni-

ram à igreja das Paivas.

Estamos profundamente reconhecidos ao Senhor por ter impressionado os seus coração a tomarem essa decisão e oramos para que ela se torne cada vez mais firme e devotada. Estamos orando também para que o Senhor Se digne preparar o Seu povo para receber a chuva serôdia e assim, o Alto Clamor seja dado.

MARANATA

A. Echevarria  
Pastor da igreja das Paivas



## Primeiro Retiro Espiritual para Professores

Foi com alguma expectativa que chegámos às instalações do INATEL, no Luso, para participarmos no Retiro Espiritual que aí se realizou de 10 a 12 de Fevereiro. Mas foi cheios de coragem e de novas energias que saímos daquele local.

Estiveram presentes os professores de todos os graus de ensino, desde o infantil ao complementar, das escolas do nosso país: Vila do Conde, Oliveira do Douro, Vila Real, Coimbra, Santarém, Lisboa e Setúbal.

C Departamental da Educação, Dr. Samuel Grave, escolheu como base do nosso estudo, durante este retiro, o livro «Educação», da irmã White, e, em particular, os capítulos intitulados «O Mes-

tre enviado de Deus» e «Disciplina». Este estudo foi feito por grupos. Cada elemento do grupo preocupou-se em extrair os ensinamentos aí contidos, que poderiam aplicar na sua vida como professor e também, através das experiências pessoais, enriquecer e ajudar os outros membros do grupo.

Mas este retiro tinha como objectivo enriquecer-nos ainda mais e realmente foi o que aconteceu. O Pr. Mário Brito contribuiu, de uma maneira extraordinária, para esse enriquecimento, através das suas mensagens, ao alertar-nos, mais uma vez, para a necessidade da nossa total consagração a Deus, a fim de podermos levar a bom termo a nossa missão co-



mo professores e obreiros de Jesus: ajudar os nossos alunos e suas famílias a trilharem o caminho que os conduz aos pés de Jesus e, conseqüentemente, abreviar a Sua volta.

«O mundo de hoje precisa de alguém que dê valor ao que realmente tem valor, que tenha semblante que inspire confiança, cujo passo seja seguro e saiba dizer ao desorientado: «eis o caminho»;

que tenha palavra doce e olhar puro e confiante; cuja vida seja luz e que essa luz seja CRISTO.»

Oramos para que este Retiro Espiritual tenha sido um meio de ajudar cada um de nós, que nele participou, a sermos esses «alguém» de que o mundo precisa.

Helena Maria Graça  
professora da Igreja de Coimbra

## CADAVAL: Primeira Escola Cristã de Férias

Durante as férias de Natal, a igreja do Cadaval, constituída por apenas 6 crentes, levou a efeito a sua primeira Escola de Férias. Realizou-se no próprio edifício da igreja e contou com a colaboração de vários crentes sob a direcção do pastor local e sua esposa, Anne e Luis Nunes.

O êxito desta Escola Cristã de Férias foi notável e é tanto maior

pelo facto de não ter havido nela uma única criança da igreja. Todas as que vieram — e foram 20! — eram de fora.

Após as duas semanas que durou, a Escola Cristã de Férias terminou, como é hábito, com uma pequena festa de encerramento, à qual assistiram várias pessoas, familiares e amigos das crianças participantes.



## VILA NOVA DE GAIA: 5 baptismos

É sempre com alegria que recebemos ou damos uma boa notícia. Desta vez a boa notícia é que a igreja de Vila Nova de Gaia foi enriquecida com cinco novos membros. Foi no passado dia 26 de Novembro que cinco jovens deram o «sim» a Jesus e decidiram consagrar-lhe as suas vidas através do baptismo. São eles: Maria Eduarda, Maria Isabel, Susana, Sandra e Domitília.

Foi um dia de grande contentamento. A igreja olha para eles como os continuadores da obra de Deus na terra enquanto aguardamos a volta de Jesus em glória. O nosso voto e prece ao Senhor é que esta pequena mas dedicada congregação possa ser abençoada com muitos filhos e filhas no Senhor.

Hilda Babet Costa



## 2.º Encontro de Jovens: «Procurai o Amor»

De 3 a 7 de Fevereiro, realizou-se o 2.º acantonamento Sabor. Mais uma vez, o local escolhido foi a Quinta das Laranjeiras, gentilmente cedida pela Sandeman. Tivemos como convidado o Pr. Júlio Carlos, e contámos com a presença de 55 jovens, vindos de Vinhais, Moncorvo, Macedo de Cavaleiros, Lisboa, Sintra, Celorico da Beira e Viseu. Foram responsáveis por este encontro os clubes de Desbravadores e Companheiros de Moncorvo.

Foi uma inesquecível experiência com Cristo. Sexta-feira, às 4 horas, já todos os jovens tinham chegado a Moncorvo. Chegou o Sábado, e com ele o primeiro momento espiritual. Desde logo a camaradagem se instalou, pois para muitos era o primeiro contacto com jovens adventistas.

Na manhã seguinte, e orienta-

dos pela jovem Lília da igreja de Lisboa-General Roçadas, os jovens fizeram um teste ao seu temperamento. O Pr. Júlio Carlos tomou depois a palavra e o seu tema era: «Procurai o amor» — a nossa necessidade de Cristo e o nosso relacionamento com Ele.

De tarde, os jovens puseram em prática o amor ao próximo, e assim, saímos rumo à vila de Moncorvo. Medição de tensão arterial, sondagens de opinião e um programa musical na praça central foram as actividades em favor da comunidade. Fizeram-se bastantes contactos e 34 pessoas pediram para ser inscritas no curso «A Bíblia Responde». Foram distribuídos cerca de 300 folhetos e revistas nossas. As actividades terminaram com uma visita à igreja de Moncorvo e a reunião do pôr-do-sol.

Domingo foi o primeiro dia de

actividades recreativas, e nelas a perícia e resistência de todos foram postas à prova. Desde a travessia do rio Sabor, com a água bem fresquinha, depois subir, subir, a montanha nunca mais terminava! As emoções foram muito fortes: alguns era a primeira vez que viam uma corda de escalar! Visitámos também uma aldeia transmontana. Ali, a população alertada pela nossa presença veio para a rua e o coreto de música foi o nosso local de apresentação.

Rumo ao acantonamento, apesar do apetite para o almoço, havia ainda que *Saborear* e apreciar a beleza agreste daquelas paragens, onde entre penhascos se podiam ver belos lírios. E o pioneirismo também marcou presença com a construção de uma jangada.

Veio a noite, e com ela, mais uma vez, Jesus estava passando por ali, em diálogo com os jovens e suas experiências. Às 3 da manhã havia «fogo na cozinha» e logo todos acorreram para o apagar. Só que o fogo tinha sido ex-

tinto, e assim, todos bem agasalhados, estavam prontos para a «pista nocturna». A temperatura era de 4 graus negativos!

Às 8 horas da manhã, terminava a pista. Os mais experientes chamavam-nos loucos, mas todos estavam felizes!

Não faltaram os jogos tradicionais, a reunião social à noite, e o ponto alto de acantonamento: a decisão por Jesus, o apelo a seguir o exemplo do Mestre. Foram, de facto, dias importantes na vida destes jovens. Alguns diziam que nunca mais esqueceriam aqueles momentos. Perto de 50% não eram adventistas mas ficaram impressionados com a vivência cristã dos nossos.

Gostaria de agradecer a todos que, de uma forma ou outra, contribuíram para esta inspiradora experiência. E aos que participaram lembro que não se esqueçam de «Procurar o Amor».

José Vale Dias

Corporator-evangelista em  
Macedo de Cavaleiros

## SINTRA: Congresso de Tições e Desbravadores

O dia 4 de Março não foi de modo nenhum um dia como os outros, pois este apresentou-se muito colorido, particularmente com o azul e o amarelo das fardas dos Desbravadores a contrastarem com o belíssimo verde da paisagem de Sintra.

Foi no Palácio de Valenças, ex-moradia de príncipes e fidalgos de outros tempos, que teve lugar o Congresso dos Tições e Desbravadores da Área de Lisboa.

Eram 9h30 da manhã, eu e o jovem Álvaro Torre olhávamos através das janelas do palácio, enquanto conversávamos acerca do número de jovens que ali se iriam encontrar. Naturalmente que eram previsões lugubres e desanimadoras a contrastar com o sol que entrava a beijar os preciosísimos móveis e quadros da sala das Naus.

Não tinha passado muito tempo desde que o Álvaro saíra para

poder olhar mais ao longe, quando, de repente, entra esbaforido e com a espontaneidade que lhe é peculiar, disse-me: «A sala vai ser pequena para tanta gente!» Realmente, ele tinha razão. Quando começou a Escola Sabatina, que estava sendo dirigida pelo Pr. Júlio Carlos, já havia Tições sentados no chão. Depois chegou o ponto alto e a nossa sorte foi estarem presentes poucos irmãos adultos, o que, apesar da exiguidade do espaço, permitiu que o programa se cumprisse em boa ordem.

Da parte da tarde estivemos todos juntos, cantando e seguindo uma retrospectiva das actividades dos nossos Clubes, feita pelo Joel Curado.

Da parte da tarde, estivemos todos juntos, cantando e seguindo uma retrospectiva das actividades dos nossos Clubes, feita pelo Joel Curado.

Também realizámos uma Cerimónia de Investidura e várias demonstrações de trabalhos feitos por vários clubes da área de Lisboa. Venham ao Departamento ver as fotografias feitas pelo Manuel Vieira!

Depois, depois foi o adeus, o

até sempre que surge quando toda a gente não quer que as coisas acabem.

Para o ano teremos mais, e nós seremos sempre mais com Jesus!

**José Carlos Costa**  
Departamental de Jovens

## Semana de Oração na Escola de Lisboa

A semana de Oração da pequenada do nosso Externato, realizou-se entre os dias 6 a 10 de Março.

Havia regozijo ao reunirem-se todas as manhãs, juntamente com as respectivas professoras e o Pastor Júlio Carlos Santos, que dirigiu e animou este grupinho.

Tivemos cânticos, histórias e fantoches que fizeram as delícias da nossa pequenada. Ao longo de toda a semana, as crianças foram apresentando pedidos a Deus, dos quais queremos destacar os seguintes:

«Quero que Jesus fique 1 dia por semana na minha casa.» — 6 anos

«Jesus, eu gostava que tu vieses à terra e nos levasses a todos,

a dar um passeio ao Céu.» — 6 anos.

«Eu queria que as pessoas ajudassem os pobres e os doentes, que não fossem ogoístas umas para as outras, que não gastassem dinheiro em bombas para se matarem uns aos outros.» — 8 anos

Inocência, sensibilidade, inquietação são sentimentos denotados nestes apelos infantis. Estamos certos de que o Senhor ouviu o pedido destes pequeninos corações, e que eles continuarão a crescer no Amor a Deus.

«Deixai vir os meninos a mim, e não os empeçais; porque dos tais é o reino de Deus» (Marcos 10:14).

**M.<sup>a</sup> José Marvão**  
Professora da Escola de Lisboa



## Visita do casal Holbroock

Entre os dias 10 e 25 de Fevereiro, estiveram em Portugal o Dr. Holbroock e sua esposa, Betty Holbroock, visita que constituiu uma bênção para as famílias portuguesas que tiveram oportunidade de ouvir as suas mensagens.

De acordo com o programa previamente estabelecido, iniciou a sua actividade com um fim-de-semana completo na zona de Portalegre. Posteriormente e em Lisboa, tiveram a possibilidade de falar para os pastores e famílias presentes, bem como para as igrejas da zona. Finalmente, na região do Porto, foi feito um programa semelhante, em que mais um bom número de pastores e membros de igreja foram beneficiados.

Como se trata dos melhores especialistas da nossa Igreja, a nível mundial, (durante 15 anos responsáveis por este trabalho a

nível da Conferência Geral), as suas reuniões foram muito ricas em termos de promoção da família e reafirmação do nosso privilégio de fazer da família a grande escola do céu. Foi unânime em todos os que assistiram, a sensação de que tinha valido a pena, pois cada um pôde aprender com a experiência, saber e simpatia dos nossos irmãos.

Fica-nos a convicção que esta é uma área fundamental para o desenvolvimento da igreja e onde mais esforços têm de ser feitos, pois os perigos são enormes e cada vez maiores. Oremos todos para que as Famílias Adventistas Portuguesas atinjam um tal nível que seja o melhor cartão de visita da nossa mensagem em todo o lado.

**Daniel Esteves**

Responsável pelo Serviço Lar e família na União Portuguesa

## Projecto Campanha das Missões de 1989

Os números a seguir dizem respeito a actividades realizadas perto da sede da Divisão da África Oriental, em Haírare, e nos países vizinhos, em particular, Moçambique. Trata-se de auxílio social que a Igreja Adventista do Sétimo Dia dispensa à comunidade.

De Janeiro a Junho de 1988, foram distribuídos 43 967 artigos de vestuário a prisioneiros, inválidos, órfãos, invisuais, idosos e repartidos, bem como a população diversa, sobretudo sinistrados. A Igreja faz regularmente saídas de beneficência a escolas para distribuir vestuário a crianças de famílias pobres, e também a clínicas e a bairros carenciados, com o mesmo objectivo.

### Clínica de Kassa

Esta Clínica está situada nos arredores de Adis Abeba, Etiópia, e serve a população da região há 35 anos. Há algum tempo, a Missão manifestou o desejo de renovar e ampliar a clínica, a fim de estar à altura das crescentes necessidades

da população. Os planos incluíram uma secção para Maternidade e um centro de educação de saúde, no qual se podem realizar determinados programas, tais como «Planos de 5 Dias», prevenção do alcoolismo, etc., programas esses altamente aprovados pelas autoridades médicas locais.

### Centro de cuidados primários de saúde no Hospital Heri Mission — União da Tanzânia

Este hospital fica situado num local em que não há mais nenhuma instituição médica, particular ou do Estado, e a 30 Km da fronteira com o Burundi. Os problemas de transporte são particularmente agudos no país, especialmente nesta área. Por isso, a União da Tanzânia adquiriu um pequeno avião Cessna para transporte de mercadorias destinadas ao Hospital Heri. O serviço do avião tem de ser feito em Nairobi, pelo que é preciso ter divisas estrangeiras, nem sempre facilmente disponíveis.

## PENSANDO EM MORDOMIA...

«A ideia de Mordomia devia ter influência prática sobre todo o povo de Deus... A beneficência prática dará vida espiritual a milhares de professos nominais da verdade que ora lamentam as próprias trevas. Ela os transformará de egoístas e cobiçosos adoradores de Mamon, em zelosos, fiéis, colaboradores de Cristo na salvação dos pecadores.» — *Conselhos Sobre Mordomia*, p.p. 112, 113.

## Aguardando a Ressurreição

**Francisco Quintino Epifânio** — Em Memória

Parafrazeando o nosso bem-amado Salvador, a respeito de Lázaro, dizemos de Joaquim Quintino Epifânio: 'O nosso grande amigo dorme'. Efectivamente, após 69 anos e 23 dias de peregrinação em Portugal mas rumo à Canaan Celeste, adormeceu na madrugada do passado dia 24 de Fevereiro. O Senhor também foi bondoso para com ele na morte, visto que adormeceu naturalmente na noite de quinta para sexta-feira, entrando directamente no descanso profundo que o levará até ao regresso de Jesus. Assim, teve ele a oportunidade de descer à sepultura no Sábado 25 Fevereiro rodeado dos irmãos que o amavam e que ele tanto amava.

Joaquim Quintino Epifânio foi um homem simples, humilde, mas de grande sensibilidade e dotado de raros sentimentos de alegria de viver. Ao invés do que possa parecer, a sua vida nesta terra não decorreu facilmente — semeada que foi de provas e acidentes. A todas as situações, porém, soube ele reagir com exemplar coragem e serenidade ganhando em experiência para subir um degrau mais na santificação, pois sabia que «todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus» (Rom. 8.28).

Revisando a memória como filho, lembro-me que desde a minha mais tenra infância, na companhia daquele que foi meu fiel companheiro e amigo, comecei a dar os primeiros passos na

natureza. Foi pela contemplação das flores e do Sol, das formigas e do vento, dos lagartos e do céu azul, que aprendi a amar e reverenciar o Criador. Foi pelo diálogo com aquele que me deu uma correcta dimensão de ser pai que também aprendi acerca dos valores morais. Estes valores não os interiorizei apenas conversando, mas vi-os nas atitudes daquele que modelou para mim a honestidade, o respeito pelos outros, o sentido de justiça e o senso da responsabilidade.

Agora que ele repousa esperando a primeira ressurreição, e olhando para o futuro próximo, «quando se assentar o juízo, e os livros forem abertos; quando o 'bem está' do grande Juíz for pronunciado, e a coroa de glória imortal, colocada na frente do vencedor», (hoje, em esperança) erguerei essa coroa «à vista do universo reunido e, indicando» meu pai, direi: Ele «me fez tudo quanto sou mediante a graça de Deus. Seus ensinamentos, suas orações, foram abençoadas quanto à minha salvação eterna» (*Mensagens aos Jovens*, pp. 329-330).

Obrigado Senhor pelo pai que me deste!

Expresso também a minha gratidão a todos os irmãos que lembraram e lembram com saudade o Joaquim Quintino Epifânio. Em breve nos reuniremos, todos novamente à sombra da árvore da vida porque, por agora, o nosso grande amigo ainda dorme.

**Ezequiel Quintino**